This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

SA 6038.72.3

HARVARD COLLEGE LIBRARY

SOUTH AMERICAN COLLECTION

THE GIFT OF ARCHIBALD CARY COOLIDGE, '87
AND CLARENCE LEONARD HAY, '08
IN REMEMBRANCE OF THE PAN-AMERICAN SCIENTIFIC CONGRESS
SANTIAGO DE CHILE DECEMBER MDCCCCVIII

P. 196 m. 2975

400

A. AUGUSTO DE PINHO

UMA VIAGEM

AO

SUL DO BRASIL

RIO DE JANEIRO
TYP. DE F. A. DE SOUZA, RUA DO GENERAL CAMARA 113
1872

tus -

M. Augusto de Pinho

UMA VIAGEM

AO

SUL DO BRAZIL

POR

A. AUGUSTO DE PINHO

RIO DE JANEIRO
Typ. de F. A. de Souza, rua do General Camara n. 113
—
1872.

SA 6038.72.3

Harvard College Library
Gift of
Archibald Cary Coolidge
and
Clarence Leonard Hay
Jan. 3, 1913

A Seu Pae,

O SR. JOÃO FERREIRA RODRIGUES DE PINHO,

Em testemunho de muita estima, respeito e consideração,

Offerece

O AUTOR.

UMA VIAGEM AO SUL DO BRAZIL

O livro, que presentemente dou á publicidade, não tem a pretenção de querer entrar em competencia com os que de identico genero têm publicado nacionaes e estrangeiros a respeito de alguns lugares, e do Brazil inteiro; pois tenho consciencia de que não possuo os precisos dotes para me apresntar no mundo das letras a disputar um lugar que sei que não póde, nem deve caber-me.

As incorrectas paginas que se seguem, não são mais do que algumas impressões de viagem colhidas em resumidas notas de carteira de lembranças; e a sua publicação não tem por fim mais do que testemunhar publica, ainda que mesquinhamente, a minha eterna gratidão aos distinctos cavalheiros que na provincia de S. Pedro do Sul, derão-me tão franco e cordial agazalho durante o pouco tempo que lá permaneci.

Bem sei que a critica dos competentes se tivesse de se occupar com este livro, encontraria muitos defeitos de fórma e incorreção de estylo, notando o enfado que deve causar a leitura de certas particularidades tão por miudo sem interesse para o commum dos leitores; porém, como

tambem sei que esta narrativa está pela sua insignificancia fóra dos reparos da boa critica, não me canso por isso em deffendel-a de antemão das censuras, que merecidamente lhe cabe.

Se o estylo incolor e o desalinho da fórma tornão este livro sem nenhum valor a par dos que escreverão viajantes do Brazil, taes como Adalbert, Humboldt, Martinez, Agassiz, Dreyz, Van Leede, Koster e outros; em compensação, a singeleza e a verdade com que está escripto, separa-o tambem, supponho eu, das mentirosas paginas desses grossos volumes de Souzanet, Expilly, Biard, e um que ultimamente publicou uma enfiada de sandices sob o titulo pomposo de *Une epopée au Brésil*, occultando por prudencia seu nome debaixo do pseudonymo de Ruelle de Pampone.

Acolha o publico este livro com aquella benevolencia que costuma dispensar aos estreantes na carreira das letras, sem cultura academica; e recebão-n'o os meus amigos do Rio Grande do Sul como uma pequena, mas sincera, prova da gratidão que lhes devo: é o que unicamente deseja

O AUTOR.

UMA VIAGEM

AO

SUL DO BRAZIL

I.

A's 4 horas e 20 minutos da tarde de 6 de Abril de 1869, o vapor *Gerente* da companhia brazileira de paquetes, levantou ancora na formosa bahia do Rio de Janeiro, e sahiu em demanda dos portos do sul do imperio do Brazil.

A tarde estava lindissima.

A abobada celeste, toda azul, reflectia-se nas placidas aguas da bahia dos já extinctos guerreiros, tão justamente celebrados por Gonçalves de Magalhães, na sua *Confederação dos Tamoyos.*

O sol dourava o cume das altas serranias que avultão no occidente topetando as nuvens, e o cimo das airosas torres do Carmo, Candelaria, S. Francisco, e outras.

Nas claraboias dos edificios scintillavão os raios do sol á semelhança de uma chuva de ouro iriada por luzes cambiantes e phantasticas.

Só quem uma vez ao menos entrou ou sahiu a barra do

Rio de Janeiro,póde fazer uma justa apreciação do magnifico panorama que se desenrola á vista de quem transpõe o seu immenso e magestoso portico.

E' realmente admiravel o aspecto dessa portentosa obra da natureza, infelizmente afeiada pela mão do homem, que tem semeado o seu sólo de casas de mesquinha e má construcção, dispostas em linhas tortuosas por viellas e ruas que se cruzão e multiplicão, sem que o compasso do geometra lhes tenha dado a precisa direcção, nem o lapis do architecto o imprescriptivel modelo.

Se o interior da bahia do Rio de Janeiro é formoso pela esplendida e perenne vegetação que a circumda, como uma corôa de flôres sylvestres a uma camponeza; o seu exterior não é menos bello pela imponencia das suas gigantescas montanhas, e o aspecto das suas dilatadas praias cobertas de alvissima areia.

O magestoso *Corcovado* dominando a cidade inteira, lembra o terrivel Adamastor curvado ao pezo dos seculos prescutando no barathro do infinito os segredos do passado ou as predicções do futuro; e o altissimo *Pão de Assucar* parece uma sentinella hirta e tremenda á porta de um desses negros e encantados castellos creados pela imaginação singular d'algum filho da velha Germania.

Descrever, uma por uma, todas as bellezas de que se reveste a bahia de Nitherohy, é tarefa tão superior ás nossas forças que nem se quer tentamos esboça-la.

Fique tão grande commetimento reservado á quem tiver

uma inspiração igual á que possuio, quem assim cantou o famoso *Gigante de Pedra.*

Gigante orgulhoso de fero semblante,
N'um leito de pedra lá jaz a dormir!
Em duro granito repousa o gigante,
Que os raios sómente podérão fundir.

Dormido atalaia no serro empinado
Devêra cuidoso sanhudo velar;
O raio passando o deixou fulminado,
E a aurora, que surge, não ha de acordar!

C'os braços no peito, cruzados, nervosos,
Mais altos que as nuvens, os céos a encarar,
Seu corpo se estende por montes fragosos,
Seus pés sobranceiros se elevam do mar!

De lavas ardentes seus membros fundidos
Avultão immensos; só Deus poderá
Rebelde lançal-o dos montes erguidos,
Curvados ao pezo que sobre lh'está.

E o céo, e as estrellas e os astros fulgentes,
São vélas, são tochas, são vivos brandões,
E o branco sudario são nevoas algentes,
E o crepe que o cobre, são negros vulcões.

Da noite, que surge, no manto fagueiro
Quiz Deus que se erguesse de junto a seus pés,
A cruz sempre viva do sul no cruzeiro,
Deitada nos braços do eterno Moysés.

Perfumão-n'o odôres que as flôres exhalão,
Bafejão-no carmes de um hymno de amor
Dos homens, dos brutos, das nuvens, que estalão,
Dos ventos que rugem, do mar em furor.

E lá na montanha, deitado, dormido,
Campeia o gigante,—nem póde acordar !
Cruzados os braços de ferro fundido,
A fronte nas nuvens, os pés sobre o mar ! (*)

Havia a bordo não pequeno numero de passageiros, e por isso, não faltárão como de costume, as scenas de lagrimas e gemidos que são logo seguidas das do enjôo.

Uma formosa passageira que eu vi chorar, como uma criança, ao separar-se da pessoa que a acompanhou até a bordo, maravilhou-me d'ahi a momentos vêl-a tão alegre e risonha, que me fez receiar pelo estado sanitario do seu cerebro. Esta singularidade foi-me mais tarde explicada por uma maneira tão curiosa que parece inverosimil; os leitores encontrarão adiante uma noticia mais miuda desta formosa creatura, que é nada menos do que uma das mais opulentas Rio-Grandenses.

O *Gerente* passou rapido e garbosamente pelas fortalezas de Willegaignon, Lage, S. João, Santa Cruz e Praia de Fóra, e em poucos momentos estavamos no mar largo.

(*) Gonçalves Dias.—*Ultimos Cantos.*

Diante de nós estendia-se emfim, o vasto e insondavel oceano!

O mar estava um tanto agitado, mas pouco assustador.

A noite, que não tardou a chegar, era em tudo digna da tarde, em que embarcámos.

O céo recamava-se de estrellas, e uma brisa tépida e fagueira refrescava a ardentia das aguas, que vinhão quebrar suas alterosas ondas de encontro ao costado e pôpa do batel, que, singrando garbosamente pelo salso argenteo, deixava após si uma larga esteira de espumas, sombreada pelo espesso fumo, que os canos do vapor lançavão com precipitação.

Muitos passageiros, assim como eu, conservarão-se no convés do navio, gosando da frescura e do luar de uma noite tão propicia á nossa viagem.

A's 11 horas, ou pouco mais, desci ao meu camarote, e ahi entreguei-me ao repouso, de que tanto necessitava, pois que os aprestos de uma viagem precipitada fatigarão-me sobremaneira.

A's 6 horas da manhã seguinte levantei-me, vesti-me e fui saudar a aurora, cousa que bem poucas vezes faço, quando estou em terra.

O rei dos astros surgia esplendido no rubido oriente, a brisa estava rija, mas o mar havia acalmado um pouco.

O navio corria, como dizem os nautas, por um mar de rosas.

Se bem que não tivesse enjoado, comtudo não quiz toma

alimento algum no dia do embarque, em compensação, porém, desforrei-me ao almoço, comendo com um appetite que faria honra a qualquer abbade.

O serviço da mesa pareceu-me bom, se é que a boa vontade, com que eu estava, o não tornava melhor do que realmente era.

Depois do almoço fui visitar as accommodações de bordo, notando com desagrado que os passageiros de prôa não tinhão coberta, à que se abrigassem.

Censurei essa falta, e muito mais quando me lembrou que o vapor *Gerente* já tem servido, por mais de uma vez, para conduzir tropa para o sul. Pois, tão pouco, pensei eu então, valem os bravos soldados brasileiros para que sejão conduzidos ao campo de suas glorias, como conduzem os especuladores, colonos para o mercado ?

Na guerra contra o Paraguay o soldado brazileiro não se tem limitado a manter illeza a honra do pavilhão da sua patria, tem feito muito mais do que isso ; tem elevado a fama das armas brazileiras a uma altura em que jámais esteve, tem enchido innumeras paginas da historia moderna, com feitos de que se honraria de os praticar um Cezar ou um Napoleão.

O denodo, a bizarria e a boa disciplina, de que os soldados tem dado tantas e tão boas provas na presente emergencia, porque passa o imperio, torna-os dignos de toda a estima e consideração e quiçá mesmo de admiração e respeito.

Não proporcionar pois a esses bravos as commodidades, que, ao menos, exigem as boas regras da hygiene, é uma falta gravissima que torna o governo do Brazil responsavel aos olhos da humanidade pelas vidas, que assim são sacrificadas sem utilidade alguma para a patria.

Não basta que o soldado abandonando o lar querido, onde mais ou menos tem os seus regalos, vá soffrer privações no campo da peleja, onde a cada momento vê a sua vida pendente da direcção de uma bala ou da certeza de algum golpe de espada; não basta que elle, longe da sua terra natal, curtindo agra saudade dos entes que lhe são caros, sinta a seiva da vida ir-se pouco a pouco extinguindo pelas exhalações miasmaticas dos immundos charcos, a cuja beira acampão e permanecem por longos mezes; ainda em cima de tudo isto tenha de ser conduzido ao lugar em que tem de vingar a honra ultrajada de sua nação, com a mesma deshumanidade com que outr'ora conduzião da Africa os infelizes captivos para vendel-os na America!

A falta de melhores accommodações de que se resente o *Gerente* nãe é só sensivel a esses bravos, como mesmo aos menos favorecidos da fortuna, a quem as poucas posses mal lhes dá para serem passageiros da classe inferior.

Os pobres não tem o direito de exigir que se lhes dê um tratamento igual aos que tem aquelles, que podem pagar essas pequenas regalias, que tornão a vida mais deleitavel, mas tambem não é justo que seja tratado como besta de carga.

A bordo do *Gerente* ião algumas senhoras á prôa, e em attenção á ellas, ao menos, devião dar melhor tratamento a essa classe de passageiros. Lamentei sinceramente essa falta, não já de cuidado mas de humanidade, e o meu pezar subio de ponto, quando vi entre esses maltratados dos homens e da fortuna, um casal que pelo traje e modos parecia já ter estado em melhores condições de que então estava.

A historia desse par, que mais tarde vim a sabel-a da boca do proprio marido, confirmou o presentimento que tive dos seus infortunios, logo que os avistei a primeira vez.

Vindo de Portugal, com a esposa, aquelle honrado passageiro entregou-se ao trabalho braçal com aquella boa vontade que é tão peculiar aos homens do campo, como elle era.

Trabalhou muito e economisou muito mais, juntou alguns contos de réis e com elles construio uma pequena casa para abrigo seu e de sua bôa e honesta companheira.

Mais para proteger um sobrinho, que para augmentar o seu peculio, estabeleceu uma pequena taberna, entregando-a a seu protegido, que com a maior ingratidão do mundo delapidou-o a ponto de obrigal-o a vender o seu predio e tudo o mais que possuia, e embarcar com a companheira de suas venturas e desventuras para o Rio Grande do Sul, pois que ao honrado homem faltava-lhe a precisa coragem para recomeçar a vida aos olhos dos que já o tinhão visto gozando uma modesta e feliz mediania.

Avalie-se como para este não deveria ser doloroso, não tanto por si mas pela companheira, o ir a bordo do *Gerente* exposto aos olhares dos curiosos e ás intemperies do tempo.

Depois de jantar, passeando eu pelo tombadilho de um lado para o outro, dei por acaso com os olhos em um moço de physionomia expressiva e que, sentado na borda falsa do navio, fumava e lia a um tempo.

Aproximei-me delle para pedir fogo e insensivelmente travamos uma conversação de que resultou virmos a ser, mais tarde, bons e excellentes amigos.

Este meu novo conhecido por nome H. J. Xavier de Souza, veio de Lisboa, com uma empreza litteraria denominada *Jardim do Povo*, que se propunha a dar aos habitantes do Rio de Janeiro 200 a 300 paginas mensaes de bons escriptos, originaes ou traduzidos, pela modica quantia de 12$000 por anno. Não me faltarão, disse-me elle narrando o facto, protectores para auxiliar a empreza.

O numero de assignaturas cresceu tanto e em tão pouco tempo, que cheguei a receiar que a tiragem de 3,000 exemplares, que eu havia feito não chegasse para satisfazer os assignantes. e por isso tratei logo de dar maior latitude á empreza, pois pareceu-me insufficiente o capital empregado.

Cedo, porém, veio a mais triste realidade desmentir os meus doirados sonhos; pois, mal comecei a effectuar a cobrança vi logo que especie de assignantes formavão a maioria delles.

Entendião uns que não fazião pequeno favor á empreza

em honral-a com as suas respeitaveis assignaturas e ler as obras que ella publicasse; sem que por isso se julgassem elles obrigados a pagar cousa alguma!

Outros mais honrados, porém não menos desanimadores, não lião por *falta de tempo*, por isso, não podendo continuar pagavão os numeros recebidos restituindo-os ainda em cima!

Para estes, a litteratura não é uma profissão que deva ser retribuida, mas uma mendicidade a quem se dá esmola!

Com estas e outras praticas nos fômos entretendo, não só durante o resto desse dia, como do seguinte, em que ás 5 horas da tarde começamos a descobrir o espesso arvoredo que annuncia as proximidades da ilha de Santa Catharina, onde reside o meu amigo Xavier, ex-edictor do *Jardim do povo, pranteando as emmurchecidas flores das suas mais caras esperanças, seccas pelo halito ardente do indifferentismo fluminense*, como diria qualquer discipulo da escola romantica pura, se escrevesse esta singela narrativa.

A's 6 horas da tarde desceu uma cerração tão forte, que o vapor teve de caminhar a meia força, pois do contrario correria o risco de soffrer algum abalroamento que lhe poderia ser fatal.

A's 10 horas da noite demos fundo á entrada de um canal, que entre duas cadeias de montanhas conduz ao porto da cidade do Desterro, para no dia seguinte entrar!

II

No dia 9 de Abril de 1869, mal despontava a manhã, já os passageiros agrupados no tombadilho manifestavão a sua impaciencia para desembarcarem, porém o vapor só ás 8 horas é que levantou ancora, e seguiu pelo canal, largando ferro ás 9 horas em frente á pequena cidade do Desterro, capital da provincia de Santa Catharina, que está á beira de uma praia semicircular, edificada em fórma de amphitheatro por um declive suave, de cujo cimo se gosa uma excellente vista.

Aceitando o amavel convite do meu amigo Xavier, fui com elle almoçar em um hotel que fica proximo do desembarque; e em seguida fomos, como dizem os francezes, fazer um *tour de ville*.

A cidade do Desterro está situada no meio da costa occidental da ilha, que dá o nome á provincia, em 27° e 25ᵐ e 3° de latitude e 51° e 8ᵐ de longitude, segundo Milliet, logo acima da ponte do estreito que a separa da terra firme, donde se vê elevar-se o morro de Santa Maria.

Tem ao norte a praia de Fóra, e ao leste o morro da Bôa Vista, continuação do do Antão que lhe serve de padrasto, e ao sul a vistosa bahia entre a ilha e o continente. (*)

As suas ruas são na maior parte largas e regularmente direitas e bem alinhadas, mas poucas são calçadas; tem tres praças regulares mas mal arborisadas; as casas das principaes ruas são na sua maior parte de sobrado.

Os melhores edificios que vi na minha passagem são o Palacio da Presidencia que é vistoso e elegante, a Casa de Misericordia que tem uma bonita e espaçosa igreja; ha tambem mais quatro templos dos quaes merece especial menção o da matriz, e o de S. Francisco.

A casa de arrecadação de Marinha, e a Praça do Mercado são edificios singelos, mas elegantes.

Ha um theatrinho sem gosto algum architectonico, um outro em meio da construcção que parou por dissenções havidas entre os membros da directoria da empreza.

Em uma das praças já descripta, ha um bonito quartel com espaçoso campo para manobra.

O cemiterio da cidade que fica em um alto, é todo cercado e está cuidadosamente tratado; os seus monumentos sepulchraes não despertão no philosopho imprecações contra as vaidades humanas.

O arrebalde da Praia de Fóra, que como seu nome indica, está situado á beira mar, tem vistosas casas de vivenda com floridos e graciosos jardins. Se continuarem a edificar

(*) M. J. de Almeida Coelho=*Mem. hist. de Santa Catharina.*

com o mesmo gosto com que até agora o tem feito, é bem provavel que este logar venha a ser o mais bello e concorrido de toda a ilha.

A cidade em si é muito pouco commercial, e a instrucção por emquanto não tem o desenvolvimento que podia ter, assim mesmo o povo é bom, docil e trabalhador, pois logo que chega algum navio, os passageiros ao saltarem em terra são rodeados de um enxame de negociantes volantes, que offerecem á venda caixinhas forradas de conchas, e milhares de flôres de escamas, de cuja fabricação os naturaes da ilha tem immensa fama, tanto na maior parte do Imperio, como tambem na Europa, onde essas flôres são muito estimadas pela sua perfeição e raridade.

A cidade do Desterro é o logar em que nasceu o Sr. Dr. Luiz Delphino dos Santos, um dos mais bem conceituados medicos do Rio Janeiro, e que tambem é um dos mais bellos ornamentos da litteratura brazileira; as suas poesias publicadas na *Revista popular*, e outros jornaes litterarios, gozão da mais subida reputação; e muito é para lastimarse, que, os labores do medico não tenhão dado tempo ao poeta, para dar os dous promettidos volumes de prosa e versos, de que faz menção J. F. da Silva em um dos volumes do seu *Diccionario bibliographico*, porque elles não só enriquecerião a litteratura brazileira, como darião grande lustre á pequena, mas linda, terra natal do seu autor.

Retirei-me de Santa Catharina no caso do outro que esteve em Roma e não vio o Papa, o que não é muito para

admirar, pois que este é um unico ; mas o que ainda hoje me maravilha é que eu estivesse tres horas naquella provincia e não visse sequer uma bella mulher, para justificar ao menos a opinião geral de que ali é a patria das moças bonitas.

Despedindo-me do meu amigo Xavier, voltei para bordo do *Gerente*, que levantando ancora seguio por um canal que fica em continuação daquelle, pelo qual entramos. Navegando passamos em frente da cidade de S. José, que consta de uma unica rua denominada do Fogo, tendo uma igreja matriz, e uma outra em construção interrompida, segundo me consta, ha mais de quarenta annos.

Os edificios publicos de mais nota são a casa da camara municipal, que hospeda em suas lojas a cadeia da cidade, e um theatrinho de melhor apparencia do que o da capital.

Já perto da barra, o dia tornou-se sombrio, o vento forte, e as ondas encapeladas ; este signal evidente de proximo temporal levou o receio de um passageiro a perguntar ao commandante se não seria imprudencia sahir-se com semelhante tempo.

— Então julga, respondeu este, que só os paquetes inglezes é que são pontuaes ?—pois, engana-se, são horas de partir, partiremos sem mais detença.

— Mas a tempestade ? interrogou timidamente o passageiro.

— Tenho apanhado muitas, e espero que esta não seja a ultima, replicou rindo o commandante.

A's 5 da tarde desceu uma forte cerração que obrigou o navio a caminhar mais vagarosamente, ás 6 porém, dissipou-se de todo a cerração, mas o mar jogava com uma força tal. que ao sahir a barra as ondas ião até a altura do tope do pharol qne está elevado uns 60 a 80 pés acima do nivel das aguas em seu estado normal.

Sahimos a barra. O navio naquellas ondas revoltas parecia uma leve casca de noz posta em cima das aguas agitadas de um lago.

O espectaculo que se offerecia á nossa vista tinha tanto de imponente como de medonho!

Veio a noite, e o temporal progredia com uma rapidez espantosa.

A's 11 horas o mar galgava a prôa do vapor alagando-o terrivelmente.

Os passageiros da classe inferior, que, como já disse, dormião a descoberto, mal se sentirão molhados erguerão-se todos a bradar por soccorro, o commandante ordenou ao machinista que puzesse o vapor a quarto de força, e aos homens do leme que aproassem ao mar largo, pois o navio já pouco governava contra o impeto das vagas.

Uma das portas de dentro da caixa das rodas saltou fóra, e o mar começou a entrar por essa abertura com um marulho surdo e terrivel. Malas, caixas e outros objectos começárão a boiar no convés.

A confusão, os gritos e os alaridos tornárão-se insupportaveis. Era triste de ver-se.

O terror pintava-se nos semblantes dos menos timoratos com cores sinistras e carregadas: os mais timidos imploravão a Misericordia Divina; as mulheres gritavão desesperadamente, e eu mesmo qne não me tenho na conta dos menos corajosos, senti-me tomado de um pavor tal que me pareceo ser aquella a minha ultima hora de vida neste mundo de tantos soffrimentos.

Crente, confiei porém na Providencia Divina, religioso, levantei uma prece aos pés daquelle de quem pende os destinos dos homens e das coisas.

Durante todo esse tempo da mais cruel anciedade, o commandante, como verdadeiro homem do mar, não perdeu o necessario sangue frio. Vendo que os passageiros em confusão impedião as manobras dos lestos marinheiros, ordenou que todos se recolhessem as suas respectivas camaras; continuando a dar ordens com tão bom animo que faria inveja a um Maurity. A tempestade recrudesceo por algum tempo; apavorava levantar os olhos, porque o céo estava negro, e de espaço a espaço illuminado por sinistros clarões; horrorisava descer o olhar, porque o mar encapelado inda era mais negro que o céo !

De repente estrugia sobre nossas cabeças um trovão tremendo que echoava ao longe mais lugubre ainda.

Sibilava o vento nos mastros parecendo querer desarreigalos; e descrevendo listras medonhas de vivo fogo, lá ia o raio desfechado do céo afundar-se nos escarcéos dos mares !

Em face dessa luta gigantesca dos elementos, o homem

julga-se a seus proprios olhos, mais insignificante que o verme que elle esmaga na terra com orgulho.

Tão grande é o poder de Deus !

O temporal felizmente foi pouco a pouco abrandando, e ao romper do dia estava de todo applacado; foi só então que o valente capitão recolheo-se ao camorote para dar repouso ás fadigas do corpo e do espirito.

No dia seguinte levantei-me cedo porque o susto não me deixou dormir toda a noite; vesti-me e subi para o tombadilho.

Levantando os olhos para o céo, vi-o tão azul e tão limpido que me pareceo que a tempestade não fôra mais que um sonho, mas lançando um olhar á roda de mim, vi que a desordem e os estragos que me cercavão attestavão sobejamente o contrario.

Como Deus é grande ! pensei eu comigo; não ha muito que os elementos revoltos parecião indomaveis, agora tudo está tão tranquillo como senão tivesse jámais sahido desse estado que dá ao céo, ao mar e á terra um aspecto tão ridente, que o homem entristece, quando pensa que um dia terá de separar-se para sempre de tudo isso.

Era caso de repetir-se estes versos do grande epico que tambem foi um grande nautico :

Depois de procellosa tempestade,
Nocturna sombra, sibilante vento;
Vem da manhã serena claridade,
Esperança do porto e salvamento.

Assim reflexionando deparei com um moço de agradavel e sympathica figura, sentado sobre um monte de cabos, em ceroula e camisa, esperando que os beneficos raios do sol lhe enchugassem o fato que estava molhado.

Approximei-me delle, e com todo aquelle respeito que me merece o infortunio, offereci-lhe o que precisasse do meu guarda-roupa, que com toda franqueza não é lá dos mais bem providos.

O ensopado e desditoso mancebo agradeceo-me a offerta, mas não aceitou-a.

Não sei se a curiosidade é innata no homem, ou o desejo que tenho de aprender nas desgraças alheias a soffrer com resignação as proprias, é que me lèva a procurar saber, sem ultrapassar as regras da civilidade, a causa das desgraças daquelles em cuja fronte vejo estampados os signaes do soffrimento e da miseria.

O que sei porém é que não podendo resistir á esta inclinação, que não posso explicar, travei palestra com o pobre moço, e tanta confiança lhe inspirei que da sua propria boca ouvi este singelo resumo de sua vida.

« — Filho unico, de uma mãi terna e desvellada deixei aos 16 annos o lar dos meus em Portugal, para vir ao Brazil, como se diz vulgarmente, fazer fortuna.

«No Rio de Janeiro empregarão-me como caixeiro em uma loja de ferragens, onde com toda a economia juntei no espaço de oito annos algumas dezenas de mil réis, que avultarão a perto de doze contos, accrescidos por um premio que tirei na loteria.

« Vendo-me aos 24 annos senhor de um capital assás sufficiente para as minhas modestas aspirações, resolvi-me a voltar ao lar querido dos meus, e ahi viver vida feliz e descuidada ao lado de minha boa mãi.

« Depositando a minha pequena fortuna nas mãos de um dos mais acreditados banqueiros da côrte, parti para minha terra natal, onde, no meio da ventura que mal começava a usufruir, recebi a infausta nova de que o meu banqueiro, assim como todos os seus outros collegas, acabavão de abrir fallencia.

« O desgosto que de mim se apoderou então arrastou-me ao torpe vicio da embriaguez, de cujas asquerosas garras minha mãi debalde procurou arrancar-me, ora com supplicas, ora com ameaças.

« Quando porém nada mais tive para alimentar o meu torpe vicio, cedendo ás instancias de minha pobre mãi voltei de novo para o Rio de Janeiro, onde me entreguei ao officio de alfaiate, que tive de abandonar quando delle começava a tirar mediocremente para minha mesquinha subsistencia, porque me obrigárão os conselhos de um medico que tratou-me de uma molestia de peito de que fui atacado.

« Empreguei-me depois em uma photogrophia cujo dono achando em mim não sei que habilitações, quiz ensinar-me a sua arte, se é que se possa dar semelhante nome a uma profissão que tanto depende da mecanica.

« A desgraça que ainda não estava cansada de me per-

seguir, vendo que me não faltava coragem para recomeçar a carreira da vida por qualquer meio honesto, buscou então ferir-me pelo coração, tornando-me seriamente apaixonado por uma viuva, cuja fortuna consistia em não vulgares dotes de belleza e quatro lindos filhos ainda na infancia.

« O amor por essa senhora levou-me a offerecer-lhe a minha mão de esposo, o que ella aceitou sem repugnancia. Preparavão-se os papeis precisos, e fizerão-se as despezas necessarias, com não pequeno sacrificio da minha parte. Nas vesperas do casamento reflectindo seriamente no que ia fazer, vi que d'ahi me poderia sobrevir maior somma de infelicidades que até então eu tinha experimentado; para evitar esses novos males, embarquei precipitadamente para o Rio Grande do Sul no mesmo dia em que me devia casar.»

Este desfecho singular encheu-me de tanta admiração que só alguns minutos depois do fugitivo noivo calar-se, é que lhe pude perguntar o que tencionava fazer no Rio-Grande.

« — Empregar-me no commercio e tratar de reconquistar a perdida fortuna; respondeu-me elle com o ar mais natural do mundo.

Eu não sabia o que mais admirar, se o valor com que elle supportava tantos infortunios, ou a esperança que ainda depositava na inconstante fortuna de que um dia por descuido, lhe desse talvez um sorriso.

No dia 11, pelas 10 horas da manhã, avistei um immenso areial, que me disserão pertencia á provincia do Rio

Grande do Sul; estimei muito isso porque já andava farto de ver sobre minha cabeça, o céo ora azul e limpido, ora carregado e sombrio, e a meus pés, o mar como um espelho fiel, a reflectir as variações da abobada celeste.

A's 8 horas da noite mostrarão-me o pharol que aponta ao nauta o caminho seguro, que tem de seguir para não ir parar em algum banco de areia, de que está eriçada a barra do Rio Grande.

O commandante do *Gerente*, abalisado pratico das costas do Brazil, lançava de quando em quando a sonda, e mandando diminuir a força do vapor, começou a cruzar em frente á barra, pois que só de dia se póde entrar ali, pois tão perigosa e temida é ella.

III

A 12 de Abril de 1869 amanhecemos, em frente da barra da vasta, fertil e gloriosa provincia do Rio Grande do Sul. O coração palpitava-me com vehemencia, e minh'alma dilatava-se alegre e expansiva. Havia em mim um não sei que tão fóra do natural, que me sentia com vontade de abraçar a todos, tanto era o jubilo de que me achava possuido por ir visitar a patria do legendario Osorio, a quem muito desejava conhecer de perto.

A's 7 horas approximou-se do navio uma catraia, trazendo no mastro bandeiras de diversas côres, para guial-o por entre os bancos de areia da perigosa barra do Rio Grande, que por um phenomeno pouco commum, como para desmentir o mal que della dizem os navegantes, estava tão tranquilla e socegada, que parecia um desses pequenos lagos artificiaes, postos no meio de um jardim, em hora que não sopra a minina bafagem.

O *Gerente* seguindo as indicações do seu guia, navegou por um canal, cujas margens são extensos areiaes. Em uma

dellas vi a alta e graciosa torre do pharol, Atalaia e algumas casas. Do lado opposto só vi um predio, e gado disperso pela varzea.

Navegando por diante, senti-me triste, vendo de um lado e outro extensos areiaes desertos e improductivos, mas felizmente o vapor deixando essas margens aridas, apresentou ante meus olhares deslumbrados a pequena e formosa villa de S. José do Norte que fica em frente á cidade, muitos navios, alguns de alto bordo e de differentes nações, que balouçavão-se em frente á rua de Riachuelo, onde hoje se está construindo um rico cáes de pedra, obra a mais gigantesca da provincia, devida ao talento e força de vontade do joven engenheiro Ewbanck da Camara, distincto brasileiro sahido da academia do imperio.

O grande movimento mercantil manifesta-se logo nessa rua, onde estão a alfandega, trapiches, armazens e escriptorios commerciaes.

O vapor, ao approximar-se da ponte encalhou, o que sobremaneira me contrariou ; felizmente conseguio apóz não pequeno trabalho, pôr-se de novo a nado atracando a uma galera, que estava descarregando carvão na ponte da companhia.

Como não sou dos mais apressados, fui por isso um dos ultimos a desembarcar. Mandei dous carregadores transportar as minhas malas para a rua Dezeseis de Julho, e eu fui-os acompanhando ; vindo elles por essa fórma me servindo de guia sem que o soubessem.

Hospedei-me no hotel denominado de *Pariz*, que passa por ser um dos melhores da cidade, mas a ser assim, ainda bem mal servida está desses tão uteis, quanto necessarios estabelecimentos; pois a unica cousa notavel que encontrei naquelle hotel foi a louça, talheres e todos os mais utensilios, marcados com a firma do dono da casa, predicado este que vim a saber mais tarde ser costume, mania ou luxo das hospedarias de toda a provincia.

Depois do almoço, fui procurar algumas pessoas para quem levava cartas de apresentação, e como esses senhores erão na sua maior parte negociantes, e a hora em que os procurei a de maior trafego mercantil, a minha primeira excursão pela cidade do Rio Grande foi, por essas razões, unicamente pelo bairro do commercio que se parece com o do Rio de Janeiro, guardando-se as devidas proporções.

Terminada esta minha primeira missão fui informar-me da hora em que partia o vapor da carreira de Pelotas, onde tenho um irmão casado e com filhos, a quem desejava fazer a agradavel sorpreza de uma inesperada visita, e por isso queria partir para o logar de sua residencia antes de lhe chegar as mãos a lista dos passageiros, que devia ser publicada em todos os jornaes no dia seguinte.

O vapor partia no dia immediato ás 11 horas da manhã, e como era o conductor das malas com os jornaes, e fazia eu parte dos passageiros, tudo corria á medida dos meus desejos.

Para ter em que me occupar durante o resto do dia, sem

entrar no exame minucioso da cidade, que eu queria guardar para a volta, fui ver se encontrava algumas pessoas de meu conhecimento que sabia residirem nesta cidade. Por um acaso feliz encontrei um amigo velho, que tambem o era de meu irmão, e por isso quiz associar-se á sorpreza que eu desejava fazer-lhe. Esse amigo commum, o Sr. Marcelino Pinto, convidou-me para jantar em sua casa, o que acceitei, dando parabens á minha fortuna por me proporcionar essa occurrencia a occasião de conhecer de perto uma amabilissima senhora na pessoa da esposa do meu amphitrião, que dispensou-me um agasalho tão carinhoso, como bem poucas vezes em minha vida tenho encontrado.

A' noite, como não havia espectaculo, fui jogar o bilhar, onde me demorei até depois das 11 horas, retirando-me em seguida para o hotel, onde passei uma noite deliciosa.

No dia seguinte embarquei com o meu amigo Marcelino Pinto no vapor que nos devia conduzir a Pelotas.

A passagem entre o Rio Grande e Pelotas é feita pelo rio S. Gonçalo, (1) que quanto não seja nenhum curso de

---

(1) Ou antes um canal largo com cêrca de quatorze legoas de extensão que communica a lagoa Merim com a dos Patos. Neste canal desembocão varios rios e ribeiros pela parte occidental, que é pantanosa e alagadiça. Nas proximidades de sua junção com a Lagôa dos Patos é pouco fundo, por isso só é navegado por pequenos barcos.

Nicoláo Dreys em sua *Noticia Discriptiva do Rio Grande do Sul* falla de um outro rio S. Gonçalo, que nasce das bandas do norte do Jaguarão e corre do nascente ao poente por matas e terras pantanosas indo juntar as aguas ao canal do seu mesmo nome. Parece porém que ha engano neste escriptor: este outro rio que elle appellida de *S Gonçalo* é talvez o Piratinim, que nasce na serra do mesmo nome, e correndo 30 legoas de oeste para sueste, vai desaguar no canal de S. Gonçalo.

aguas como o S. Francisco ou Tocantins, é comtudo um rio largo e de bom calado.

As suas margens são risonhas pelas verdes campinas que o bordão, e pelas opulentas charqueadas que de um e outro lado se vê, era lançando para o rio pontes onde se encostão o pequenos hiates para receber carne secca e outros generos para conduzirem-n'os ao mercado do Rio Grande.

No fim de tres horas de navegação em que percorremos oito legoas atracamos a uma ponte de mizeravel aspecto, onde desembarcamos.

O meu *cicerone* chamou um carro, em que nos mettemos, e mandou seguir para a rua de S. Miguel onde apeamos em frente de uma casa de simples, mas agradavel apparencia.

Era ahi que residia meu irmão com sua familia.

A bôa e diligente dona da casa accudio ás nossas palmas, e convidando-nos a entrar disse-nos que seu marido não estava em casa. O meu amigo Marcellino sahio em continenti á sua procura, em quanto eu travava uma alegre conversação com minha cunhada, que me não conhecia porque até então não me tinha visto.

Dahi á alguns momentos chegárão duas lindas crianças, que suppuz serem como realmente erão, meus sobrinhos. A muito custo os não abracei para poder conservar o incognito.

Esta comedia domestica não se pôde manter por muito tempo, porque minha cunhada sabendo que eu ia do Rio de Janeiro, perguntou-me se conhecia o irmão de seu ma-

rido, cujo retrato me mostrou pendurado em uma das paredes da sala. Eu sorri-me, e isto fez com que ella, desconfiando, comparasse os traços do retratado com o retrato e assim me viesse a conhecer.

Não me sendo mais possivel negar minha identidade, abracei-a como bôa irmã que o é, pelos laços do parentesco que nos unem, bem como a seus dois filhos que a muito custo poderão conter a sua innocente alegria á chegada do pai, que, mal o presentimos, tomamos um ar de completamente desconhecidos.

Meu irmão mal entrou, comquanto não me visse havia oito annos, conheceu-me immediatamente.

O nosso longo abraço foi orvalhado com as lagrimas da mais expansiva alegria e contentamento.

Desde que tenho uso da razão nunca experimentei maior emoção do que nessa hora, da qual ainda hoje me recordo com saudade.

O dia da minha chegada á Pelotas foi todo consagrado ás expansões alegres e recordações de um passado melhor em intima e fraternal conversação, em que só tomou parte como estranho o nosso amigo Marcellino Pinto, que associou-se ao nosso prazer pelo coração como se delle participasse pelo sangue.

Ao cahir da noite sahimos a dar um passeio, e meu irmão foi logo aproveitando o ensejo para apresentar-me á alguns de seus amigos. Em casa de um destes encontrei uma de minhas companheiras de viagem, que ao sahirmos

a barra do Rio de Janeiro tanto me impressionára com suas lagrimas e risadas.

Foi então que soube ser esta senhora uma das mais opulentas chárqueadoras dos arredores : e de uma pessôa, que aliás me pareceu digna de todo o credito, soube tão singular biographia dessa formosa, ainda que não muito moça, rio-grandense.

Não duvido que haja alguma cousa de veridico nessa historia segundo m'a contarão, mas o que me parece é que semelhando-se a muitas outras que por ahi andão na bocca do povo, ainda que não destituidas de fundamento, vão de dia para dia apparecendo revestidas de estranhos e novos atavios romanescos, que chegão a tomar proporções tão maravilhosas, que o bom senso acaba por não vêr nellas mais do que um puro invento da imaginação humana.

Sem me responsabilisar pela veracidade da historia que ouvimos, e para que o leitor avalie por si o quanto ha de maravilhoso na vida desta senhora, cujo nome não declino, por certas e muitas razoaveis conveniencias, dou-a no capitulo seguinte sem alteral-a para mais, mas antes para menos.

IV

Ha trinta annos, (1) um velho piloto, cansado de lutar com as ondas e arcar com as tempestades, arribou ao Rio Grande do Sul, construio uma pequena casa á beira mar, e nella recolheu-se a desfructar em santo ocio os restos dos dias de vida ao lado da sua bôa Joanna, que era uma rapariga de indole tão mansa e pacifica como a de um cordeiro.

Um dia o lobo do mar vio-se pai de uma linda criança, que, conforme a sua expressão, a natureza enganára-se fazendo-a mulher. O que dava não poucos cuidados ao velho piloto. «—Se fôsses rapaz, dizia elle á criança, que, sem entender, saltitava-lhe nos braços; se fôsses rapaz, mergulhava-te todas as manhãns nas aguas do mar, trazia-te núa ao sol para te afazeres ás rudezas do tempo; e quando tivesses edade punha-te aos estudos, matriculava-te na escola de marinha, e nas ferias iria comtigo costear

(1) Considera-se a narrativa posta na bocca de quem m'a contou.

essas praias desertas e bravias; e por Deus, que ainda virias a ser um dia um dos almirantes do imperio!

« — O engano da natureza mallográra porém as mais doces esperanças do bom velho, que, para vingar-se a seu modo do erro da providencia, ia creando a menina como se fôra um rapaz. Elvira aos dez annos não sabia pegar na agulha; mas em compensação, nadava como um peixe, corria pelos campos como um cabrito, supportava os ardores do sol e as geadas do inverno como se fôsse um experimentado navegante. «—O velho piloto era censurado por toda a visinhança pela educação que dava á filha, mas elle pouco ou nenhum caso fazia das murmurações dos *praguentos de má morte*, como elle os chamava; e se algum mais ousado chegava a lhe encrepar na face semelhante proceder, elle respondia com o sobr'olho carregado. «—A natureza enganou-se; eu queria um homem e deu-me uma mulher. Que lhe hei-de fazer? Educo-a a meu modo e acabou-se. E disto não sahia o bom do velho, e fossem para lá teimar que verião ou antes sentirião o peso de outras razões mais concludentes que elle tinha para oppôr a semelhantes objecções.

O velho piloto não era estupido e nem mesmo ignorante: em sua mocidade frequentára a Universidade de Coimbra até ao segundo anno do curso juridico. Um desastre na fortuna paterna foi a unica causa que o desviou dos bancos da academia, para arrojal-o seis a oito vezes contra os bancos de areia e recifes, em que naufragára em diversas partes do mundo, e por isso elle não se limitava a ensinar a

filha a governar um leme e a affrontar as tempestades: instruia-lhe o espirito, ao passo que fortalecia-lhe o corpo.

« Aos dezeseis annos a filha do famigerado piloto era tão destra em conduzir o batel por entre os immensos bancos de areia da barra do Rio Grande, como habil no conhecimento da historia, geographia e litteratura, e até de astronomia e nautica. Fallava correctamente as linguas franceza e ingleza, manejava com propriedade a portugueza, da qual lhe erão familiares os mais conceituados classicos, e sabia de cór os mais bellos episodios dos Lusiadas, a que o velho piloto chamava a bibilia dos navegantes.

« Aos dezoito annos Elvira era uma rapariga um pouco acima do mediano, faces morenas, grandes olhos negros, e cabellos da côr do ebano, lustrosos, bastos e compridos. A educação singular que lhe déra o pai tornava-a uma mulher tão fóra do commum, que a fazia requestada e temida, a um tempo, pelos mais audazes conquistadores.

A filha do velho piloto sahia a sós e assim ia a grandes distancias, sem que disso resultasse o menor damno á sua reputação, pois que o calumniador que tentasse deprimil-a receberia d'ella o merecido castigo, como aconteceu ao primeiro que ousou diffamal-a. Eis o caso:

« Um barbeiro, grande fallador da vida alheia, como, não sei porque singularidade, são quasi todos que se dão a semelhante profissão, disse uma manhã a quantos o quizerão ouvir, que elle vira, *sem querer*, um individuo que não pôde

reconhecer entrar na casa do velho piloto ás onze horas da noite e sahir pela madrugada.

« Esta calumnia atroz do malfazejo Figaro, que em pouco circulou pela visinhança, chegou aos ouvidos da calumniada, em grande parte accrescentada por certas almas bemfazejas que se não dispensão de augmentar mais um episodiosinho de lavra propria todo e qualquer boato; que tenha por fim deprimir e desvirtuar aquelles a quem certos predicados tornão superiores ao commum dos seus semelhantes.

A moça sentio o rubor queimar-lhe as faces, mas em vez de desaffogar em lagrimas os seus pezares, como faria qualquer outra pessoa de sua idade, sexo e condição, procurou o seu detractor em sua propria loja, e ahi, diante de algumas pessoas que d'elle ouvirão a calumnia, vergastou-lhe a face sem que elle oppozesse a menor resistencia, porque o miseravel era tão infame como covarde.

« Bastou este exemplo para que d'ahi em diante ninguem ouzasse, não só abocanhar a reputação de Elvira, como mesmo repetir a calumnia do barbeiro, que desde o tão bem applicado castigo aprendeu a ser mais comedido contra o decoro das filhas alheias.

« No entanto cumpre dizer-se que Elvira não era alguma dessas virtudes, a que, não sei que escriptor, denominou-as de ferozes. Bem longe disso andava ella, pois que a singular educação que recebera tirava-lhe o mais bello dote da mulher —a religião.

Elvira acreditava tanto em Deus como no diabo; praticava sem ostentação a caridade, não para seguir o preceito do evangelho: —que não veja a tua mão esquerda o que dá a direita— mas porque o fazer bem para ella era um passatempo como outro qualquer, com o qual muito se divertia quando o beneficiado não sabia de que mão lhe vinha o beneficio.

Entre o vicio e a virtude estabelecia ella a terrivel differença da pessima doutrina do poeta que disse:

— « O vicio é o vicio nú que não disfarça.

— « O vicio desfarçado é que é virtude. (1)

O coração de Elvira era arido como um rochedo: ali só poderião rebentar cardos crivados de espinhos, mas despidos de fructo.

Na idade em que a mulher sente a necessidade de amar e ser amada, Elvira só sentia a ambição de ser muito rica para esmagar com o poder de seu oiro os entes humanos do sexo contrario ao seu, que ella reputava-os como os mais abjectos de quantos vivem sobre a terra.

« Aos vinte e tres annos Elvira ficou orphã do pai, que em seu testamento a reconhecera como filha, legando-lhe toda a sua fortuna, que consistia em vinte apolices da divida publica e a pequena casa de riba-mar. A herdeira do velho piloto pouco tempo gastou em prantear o passamento do

---

(1) Bruno Seabra.

pai e tomando posse do que lhe pertencia, vendeu as apolices e com o seu producto comprou uma estancia, entregando-se com todo o ardor á creação de gado e commercio de carne secca!

« Que cousa poderá haver neste mundo de observações e disparates mais singular do que vêr-se uma mulher moça, bonita e até instruida, em vez de buscar nas doçuras do hymineu a felicidade do coração, procurar no ensanguentado commercio de charque o poderio da riqueza? Custa a crêr na existencia de uma tal mulher, mas é uma verdade.

« Elvira, com grande pasmo dos seus conterraneos tornou-se em pouco tempo uma habil gerente do seu proprio estabelecimento, que foi medrando com tanta prosperidade, que em poucos annos veio a tornar-se um dos principaes dos arredores. A pequena fortuna herdada de seu pai multiplicou-se com pasmosa celeridade, e o producto das vinte apolices avultou em poucos annos em centenares de contos de réis.

« Ha cerca de tres annos foi Elvira dár um passeio á Europa, percorreu a Inglaterra, França, Allemanha, Portugal, Hespanha e Italia, e de volta passou pelos Estados-Unidos, onde demourou-se cerca de oito mezes. Depois dessa longa e proveitosa excursão entregou-se de novo aos labores da charqueada, introduzindo em suas estancias muitos melhoramentos que tem sido vantajosamente imitados pelos visinhos. Dizem os pobres e maltratados da fortuna

que o dinheiro não dá felicidade ao coração. Este dito, que por muito tempo passou a meus olhos como semelhante áquelle que o fabulista francez poz sabiamente na bocca da raposa, quando não póde colher as uvas, para mim é hoje uma das mais judiciosas sentenças humanas, senão a mais pura das suas verdades. Elvira a meus olhos é rica mas não é feliz.

« Ha oito annos que perdeu sua mãi, unico ente que sinceramente a amava como todo o ardor daquelle estremecido affecto, de que só é capaz uma mãi. Hoje que ella póde com o seu ouro esmagar a muitos desses entes que despreza; hoje que ella se vê cercada das attenções que a sociedade dispensa a quem é rico; hoje mais que nunca Elvira, a meu ver, não é verdadeiramente feliz, pois não tem em seu viver, embora faustoso, uma só dessas horas em que a mulher em intima conversação com o esposo tem consciencia de que é amada, ou um desses momentos em que a mãi, estreitando o filho contra o seu amoroso seio, sabe que naquelle infante que lhe sorri tem ella o mais seguro penhor da felicidade domestica.

« Elvira não tem, como ha pouco disse, religião, e a mulher sem crenças não póde ser feliz no meio de uma sociedade civilisada. Desde que a mulher não sabe amar a Deus não póde amar ao homem. A adoração votada ao Creador é que a faz prestar culto á creatura, e quando uma mulher não ama nem é amada, assemelha-se a um desses cabeços crespos e nús que se erguem no meio do oceano açoitados

pelos ventos e batidos pelas ondas, onde se levanta, quando muito, um pharol para desviar o nauta das suas proximidades, tão perigosos são elles!

Elvira é uma amazona.

. . . . . , ... (1)

Ha na vida dessa senhora factos que honrarião uma heroina: outros ha que envergonharião uma messalina.

O seu genio activo e emprehendedor, a sua intelligencia vigorosa e cultivada fazem, aos que com ella tratão de perto, lastimar seriamente que a natureza, segundo dizia seu pai, se houvesse enganado fazendo della mulher, quando devera ter feito um homem, que seria talvez um dos maiores heróes da sua terra natal.

---

(1) Supprimimos aqui a parte mais interessante dessa senhora singular, por ser a menos decorosa.

V

A cidade de Pelotas está assente á margem esquerda do canal de S. Gonçalo entre os arroios de Santa Barbara e o de Pelotas, a 31° 46' e 53'' de lat. sul e 9° 14' e 29'' de long. oeste do meridiano do observatorio do Rio de Janeiro.

A parte principal da cidade está edificada em um vistoso plateau que pouco se eleva á cima das varzeas verdejantes e risonhas que a rodeião.

O seu municipio, que faz parte da comarca do Rio Grande, é formado das parochias de Pelotas, Bôa Vista, Boqueirão e Boguete, e calcula-se povoado por 13,743 almas.

A fundação desta cidade data de 1780, época em que por ali existião já umas cento e cincoenta familias em uma fazenda que ficava perto do canal de S. Gonçalo. Levantarão esses moradores uma egreja a S. Francisco de Paula, da qual tomou então o nome a nascente povoação, que em

14 de Agosto de 1812 (1) foi elevada á categoria de parochia, e á de villa em 7 de Dezembro de 1830.

Por lei provincial de 27 de Junho de 1835 foi afinal erigida em cidade com o seu primitivo nome de Pelotas.

Se o canal de S. Gonçalo não tivesse a barra tão obstruida de areia, que por essa fórma apenas dá livre entrada á navios de pequeno calado, esta cidade seria incontestavelmente a mais importante da Provincia do Rio Grande do Sul.

Ultimamente fundou-se ali uma companhia com o fim de remover aquelle obstaculo, opposto pela mão do tempo ao progresso e desenvolvimento de Pelotas, e se fôr, como esperamos, levado a effeito tão louvavel intento, a cidade do Rio Grande perderá em pouco toda a importancia commercial que tem, mais pela dependencia em que della está aquella cidade, do que pela sua propria situação.

O arruamento de Pelotas é talvez o mais bem traçado que possue o Imperio do Brazil, e bem poucas cidades da Europa o terão tão pefeito e regular.

Dezoito ruas de boa largura e quatro praças muito bem alinhadas, são as que por emquanto formão o que se póde chamar—cidade.—

Das quatro praças duas tem poucas edificações.

A entrada pelo canal de S. Gonçalo é de bem mesquinha

---

(1) Milliet de 1811

apparencia, a ponte do desembarque está a cahir aos pedaços, o largo irregular que lhe fica em frente é todo em barrancos, que a menor chuva transforma em profundos lamaçáes, o que tambem acontece ás demais praças e ruas por não serem calçadas.

Este mal é de tão facil remedio, que admira que o zelo da camara municipal ainda o não tenha sanado, pois bastava fazer um pequeno aterro no largo do desembarque, e cobrir as ruas e praças com uma ligeira camada de areia, que ali ha em abundancia, para que a cidade não ficasse intransitavel ao menor chuvisco.

A agua de que ahi se faz uso é da chuva, conduzida dos telhados e das soteias, ha umas cisternas feitas de tijôlo e terra romana a que dão o nome de algibes.

Disserão-me que já então havia uma companhia encorporada com o fim de abastecer a cidade com uma excellente agua que abunda ha quatro legoas de distancia.

A illuminação publica é tambem pessimamente feita com azeite de peixe, ou kerosene, os lampeões são collocados em taes distancias um dos outros, que mal illuminão o pequeno circulo em que reverberão os seus enfumados raios de luz.

Ha tambem para remediar este grande mal, uma companhia já organisada que se propõe a illuminar a gaz não só esta cidade como a de Porto Alegre e Rio Grande.

A cidade que já conta um bom numero de predios, virá em pouco a tornar-se muito mais bella, pois que o gosto

pelas bôas construcções começa ali a desenvolver-se rapidamente.

A rua do Imperador conta entre os seus melhores predios, o da residencia do Sr. Commendador Ribas, excellente e vistoso palacete acabado a capricho e primorosamente adornado, nelle hospedou-se o Senhor D. Pedro II em 1865 quando foi com a sua presença animar os Rio-Grandenses a expellir do seu territorio os invasores e barbaros paraguayos; nessa mesma rua ha tambem as residencias dos Srs. Visconde de Pirateny, José Antonio Moreira, e Leitão, que são dignos de vêr-se.

Na rua de Iatahy a casa do Sr. Dr. Chaves e muitas outras que não indaguei a quem pertencião, dão muito valor ás ruas e maior apreço á cidade.

Os edificios publicos e de associações que ali ha mais notaveis, são: a Casa da Mizericordia com sua Capella e que tem capacidade para receber 250 doentes; é edificio de um aspecto menos máo, mas está muito maltratado, porque a mania que predomina, não só em Pelotas como em outras partes do sul do Brasil, de se metter mãos a grandiosos edificios sem o capital preciso para acabal-os, fez com que gastassem na construcção de uns grandes alicerces e algumas paredes para uma nova casa de Caridade, que ainda está neste projecto, a quantia preciza para restaurar a velha, que, com alguns accrescimos, ficaria um edificio mais que sufficiente para a cidade em que está.

O Asylo de N. S. da Conceição com sua Capella, destinado

ás orphãs desvalidas, é um edificio digno de reparo; a instituição que não recebe subsidio algum do governo geral ou provincial, preenche com tanto zelo e dedicação o seu caritativo myster, que faz honra aos generosos sentimentos dos habitantes de Pelotas.

O Hospital de Benificencia Portugueza é de uma construcção simples mas elegante, a Capella do estabelecimento é digna de vêr-se pela sua simplicidade e bom gosto, a bôa ordem, asseio, e zelo caritativo que ali reina, muito depõe a favor dos bons portuguezes, que fundárão e que dirigem tão util estabelecimento.

A casa da Camara Municipal apezar de ser térrea é bonita e de bôa architectura; fica proxima do theatro 7 de Abril, unico do logar, mas edificio vistoso, ornado de columnas no revestimento exterior; a sala dos expectadores é espaçosa e ornada com tres ordens de camarotes, o palco está bem collocado e disposto; a pintura tanto interna como externa está porém muito estragada, e a illuminação nas noites de espetaculo é insuportavel.

Como os habitantes de Pelotas são amantes da arte dramatica, o theatro quasi sempre está no exercicio de suas funcções, com bôas ou más companhias, que ali vão auferir bem bons lucros, ainda que bem poucas o mereção, pelo máo desempenho que dão ao que representão, é verdade que um bom drama ou uma comedia classica não vai á scena mais de duas vezes, porque o povo de Pelotas, por melhor que seja a peça, não gosta de repetição.

A Praça do Mercado é do tamanho da do Rio de Janeiro, porém muito mais bella pela sua architetura vistosa, e agradavel aspecto da arcaria que a circunda no seu interior, as entradas estão collocadas nos quatro angulos, em um dos lados exteriores corre uma alta bancada de pedra, onde se expõe o peixe á venda, genero que ali ha excellente e em grande abundancia; em uns asseiados cubiculos que dão frente para o interior é onde se vende a carne vêrde,

Em todo este edificio ha muito asseio e regularidade.

A Cadeia é um edificio mal construido e acanhado, assim como a casa do Correio que é pessima, o que talvez não pouco contribúa para a irregulariedade que ali reina, verdade é que n'esse ponto não tem de que se envergonhar do Correio Geral da Côrte, cujo pessimo serviço tornou-se *materia velha*. (1)

A Igreja da Matriz sob a invocação de S. Francisco de Paula, que está collocada na praça do mesmo nome, é de solida e formosa construcção, tem duas torres com cupula e a entrada é resguardada por um alpendre sustentado por altas e airosas columnas.

O interior do templo é simples em demasia e ha mesmo falta de limpeza, o que muito admira, porque não só o povo de Pelotas é em geral religioso, como mesmo ha na parochia pessoas de fortuna que passão por generosas.

---

(1) Assim a denomina a gazetilha do *Jornal do Commercio*,

O que parece é que ha falta de espiritos emprehendedores, que iniciem boas idéas, é a principal causa de que a unica igreja que ha na cidade de Pelotas, exceptuando as capellas da Misericordia, Asylo e Beneficencia Portugueza, seja tão pouco digna do culto divino, culpa esta de que se não póde defender o pastor d'aquellas ovelhas tão dadas ao aprisco.

No largo em que se achão o theatro e a camara municipal, tambem existem uns alicerces para um projectado templo em que se gastárão não pequenas sommas e que ha vinte annos deixárão abandonado com cinco palmos fóra do sólo.

Sobre o rio Santa Barbara ha uma ponte de um só arco, construida com gosto e solidez, que dá passagem para uma larga praça que já conta um bom numero de predios; seguindo pela estrada que fica em continuação a esse largo encontra-se o cemiterio que é fechado pela frente por gradil e portão de ferro.

As sepulturas são cavadas na terra e abertas nos muros que circulão uma boa parte do campo santo; alguns mausuléos são de gosto artistico, e em todo o cemiterio ha a precisa decencia que requerem semelhantes estabelecimentos.

Notarei de passagem que seria conveniente demolir-se o cemiterio velho que está dentro da cidade, removendo os restos mortaes para o novo.

Um pouco adiante do cemiterio, isto é, do que está em serviço activo, fica a tablada, lugar onde se negoceia o gado que vem do sertão.

Os suburbios da cidade têm bonitas chacaras com formosas casas de vivenda, muitos estabelecimentos de xarqueadas, cortumes, lavanderias de lã, fabricas de queimar ossos, de seccar e salgar lingoas, que é no que consiste o assás consideravel commercio da cidade de Pelotas.

As senhoras desta cidade são no geral amaveis, não só pelo espirito pouco vulgar de que são dotadas em apurado gráo, como pelo carinho e bom agazalho que dão ao estrangeiro que sabe trata-las com aquella deferencia e delicadeza a que tem direito o sexo a que pertencem.

Os homens são francos, lhanos, valentes e muito dados ao commercio, para o que têm aptidão muito superior á dos seus patricios do Norte.

Os divertimentos publicos em Pelotas são poucos; além do theatro, ha duas sociedades de baile, uma denominada *Phenix Pelotense*, outra *Terpcichore*; a primeira tem um salão vasto e ornamentado com todo o luxo, é frequentado pela flôr da sociedade de Pelotas; na época em que ahi estive fazião parte da directoria dous distinctos cavalheiros, os Srs. Antonio Raphael dos Anjos e Manoel de Castro e Silva, que me dispensárão tão honrosos convites de que nunca me suppuz merecedor; as *soirées* em que tomei parte rivalisavão com as melhores da côrte.

A segunda sociedade possue um salão menos apparatoso, porém as pessoas que o frequentão, se não são as mais opulentas da cidade, não deixão por isso de serem menos amaveis.

Além d'estas ha tambem uma casa de bailes populares, que dá todos os domingos *partidas* carnavalescas; cousa que muito me fez pasmar, pois não me consta quo em outro lugar, ao menos do Brazil, se dê semelhante disparate, se bem que como tal o não considere um amigo meu, a quem notando-lhe eu esse singular costume do povo de Pelotas, respondeu-me: que sendo o mundo uma completa mascarada, que importa que o povo pelotense esconda uma vez por semana a mascara natural?

O salão destes bailes é coberto de zinco e o seu aspecto, embora muito mais comesinho, me fez recordar o Pavilhão Fluminense de escandalosa memoria.

Ha em Pelotas uma grande quantidade de carros de aluguel, que estão sempre em movimento, pois que ali ha mais quem goste de andar pelos pés alheios do que pelos proprios; mas, apezar da abundancia, os fretes são elevadissimos, porque os cocheiros como não têm tabella imposta pela policia, varião de preço conforme o aspecto do passageiro, o que dá logar a grandes injustiças, porque em geral os que melhor trajão são os que menos têm para o fazer. Bom seria que as autoridades policiaes do logar, á semelhança dos seus collegas da côrte, fizessem um regulamento que pautasse as exigencias e insolencias dos cocheiros que em parte alguma do mundo merecem que se deposite a menor confiança na sua civilisação e cavalheirismo.

Ha não poucos collegios de instrucção primaria e mesmo alguns de secundaria, porém notei que as suas frequencias

erão em numero muito diminuto para a população da cidade. Seria muito acertado que o governo brasileiro, á maneira de alguns Estados da Europa, decretasse o ensino obrigatorio, pois que a instrucção do povo é a grandeza da nação.

A imprensa de Pelotas é representada por duas folhas diarias, que são o *Commercio* e o *Diario de Pelotas*, e mais um pequeno semanario que pelo nome não se perca.

Apezar dos annuncios, por aquellas folhas serem a preços mais que rasoaveis, os pelotenses preferem outro systhema que lhes sahe mais caro, mas em compensação é muito mais estrondoso!

Ha um casamento; á hora da partida do noivado para a igreja faz-se annunciar por meia duzia de foguetes; ha um jantar, na occasião propicia lá vão os foguetes ao ar; faz-se um leilão, na hora do começo, zás lá vão os foguetes para a frente, audiencia de juiz, sessão de jury, da camara mnnicipal, partida do correio, chegada de vapor, tudo emfim se annuncía pelo estrondo do foguete!

Que terra favoravel aos fogueteiros!

Já a um espirituoso ouvi dizer de um ex-redactor de uma das folhas diarias do Rio de Janeiro que, por qualquer noticia vinda do theatro da guerra, lançava milhares de foguetes ao ar:—este parece que é filho de Pelotas.

Uma tarde ouvindo eu o estrondo de uns foguetes fui ver que novidade havia no logar de onde elles partirão, e ahi encontrei um carro mortuario! Tanto me custou a crêr que

d'ali houvesse sahido o tal *annuncio*, que contei o facto a um natural do logar.

Não admira, disse-me elle, que fossem de lá os foguetes, porque não ha muito que o chefe de uma familia respeitavel tendo de ausentar-se por algum tempo desta cidade no dia de sua partida subirão foguetes da porta de sua casa, como se ali houvesse grande festa, e quando elle abraçava a esposa e filhos, lavado em lagrimas a bordo do vapor que estava prestes a largar a amarra, uma girandola estoirou nos ares, annunciando aos amigos que o homem lá ia mar fóra, quem sabe se para mais não voltar.

E que tal? Va-lha-me o nunca assás repetido anéxim de que:—*cada terra com seu uso e cada roca com seu fuso*, para que eu me possa capacitar que foi da casa do finado que partirão aquelles foguetes, que só tinhão por fim annunciar aos convidados que era tambem chegada a hora de partir para a sua derradeira morada, quem talvez fosse bem querido dos seus.

VI

Foi em Petotas e em casa dos Srs. Castro Silva & Cômp. que tive a honra de ser apresentado ao bravo General Osorio, a quem tanto eu desejava conhecer de perto.

O grande Cabo de Guerra tratou-me com uma familiaridade tão natural, que me encheu de jubilo e gratidão.

O Marquez do Herval é de uma estatura mediana e corpulento, rosto redondo, cheio e expressivo, olhos brilhantes e tez espaçosa; a barba grizalha que lhe moldura o semblante e sobr'olho carregado, emprestão-lhe um aspecto de máo humor, que bem longe está de possuir.

O seu modo de tratar é um tanto brusco, como costumão ter quasi todos os homens do arado e da espada, rudes e severos, mas valentes e generosos.

Contemplando de perto aquelle homem, que ainda trazia ligado o queixo pelos ferimentos recebidos no ultimo combate, e qne boje resume em si as maiores glorias do Brazil, adquiridas na guerra contra o governo do Paraguay, confesso que me senti iguai a uma dessas timidas ave-

zinhas do bosque diante de uma aguia robusta e valida, que, rompendo o espaço, vai, como diz o poeta:—

« No semblante do sol roçar as azas.— (1)

O General Osorio é um typo perfeito do verdadeiro homem de guerra; seu gesto é imperioso, seu aspecto nobre e cheio de magestade, a voz clara e forte.

O seu exterior inculca-o dotado de um caracter duro e severo, e no entanto é brando e cheio de bondade.

Os soldados amão-n'o como a um pai, respeitão-n'o como chefe, e admirão-n'o como heróe.

Osorio é para o soldado brasileiro o mesmo que foi Napoleão I para o francez.

Conta-se delle verdadeiros rasgos de abnegação pela patria e amor pelos seus subordinados.

Faltando uma vez rancho no acompamento, repartio elle irmãmente o pouco qne lhe estava reservado, com os seus camaradas, significando desta forma, que queria soffrer as mesmas privações que elles.

O mais simples soldado pode a qualquer hora penetrar em sua barraca e se o encontrar comendo hade tomar perte na sua frugal refeição!

Por pouco tempo tive a ventura de gozar de tão honrosa companhia, porque alguns dias depois da minha chegada a Pelotas, o valente General, travando da sua timida lança, voltou ao campo das suas Glorias a ferir as ultimas batalhas

(1) Laurindo José da Silva Rabello.—*Trovas.*

que terião de apressar a final derrota do inimigo de sua patria.

No dia da sua partida o povo reunio-se nas ruas e na ponte do embarque, a despidir-se do heróe que hoje constitue uma das maiores glorias do Rio Grande.

O terror dos paraguayos, depois de receber os adeuses dos seus amigos e admiradores, que se pode dizer serem tantos qnantos ali existem, embarcou no pequeno vapor que rapido o conduzio ao Rio Grande, donde partio incontinente para onde o chamava o anjo de suas victorias.

Mais tarde tive tambem occasião de ser apresentado pelo meu amigo Joaquim Augusto de Villas Bôas á esposa do General Osorio; assim como á sua filha, que é uma linda menina de dezeseis annos de idade, dotada de um espirito admiravel, e cuidadosamente cultivado.

A digna companheira do guerreiro invicto era digna de toda a consideração, não só pelo nome que com tanta honra trazia, como pelas suas bôas e raras qualidades.

Alguns mezes depois de eu conhecel-a, deixou este mundo para receber no outro o premio das suas virtudes; foi com o mais sincero pezar que recebi semelhante nova; e sensibilisou-me a ponto de verter lagrimas, a descripção que li nos jornaes, das honras funebres que lhe prestarão os Rio Grandenses.

Calculou-se em mais de duas mil pessoas o prestito que a conduzio ao altimo jazigo.

Os navios nacionaes e estrangeiros crusárão as vergas,

salvarão as fortalezas, fechárão-se as casas commerciaes e o povo em massa trajou pesado luto ! —

Honra aos Rio Grandenses e Estrangeiros que com elles habitão, que souberão prestar tão merecida homenagem aos restos mortaes da esposa do seu heroico defensor.

Seja-me aqui permittido, ainda que com palidos traços, esboçar a vida desse invensivel guerreiro, cujo nome é tão conhecido, quer no seu paiz como fóra d'elle.

Manoel Luiz Osorio, filho legitimo do Tenente Coronel Manoel Luiz da Silva Borges e de D. Anna Joaquina de Souza Osorio, ambos naturaes de Santa Catharina; nasceu em Santo Antonio da Patrulha, no Rio Grande, em 10 de Maio de 1808.

Pouco mais de sete annos contava, quando acompanhou o autor de seus dias nas guerras contra o Rio da Prata, de 1815 a 1822.

Muitas vezes no acampamento lia elle, por mando de seu pai, aos soldados o regulamento da lei militar; e assim ao passo que na escola pratica da guerra acostumva-se a supportar as rudezas do tempo, ia decorando os artigos dos imprescriptiveis deveres de um soldado.

Curso mais completo não teria, sem duvida, se frequentasse uma academia.

Na idade de 15 annos assentou definitivamente praça no exercito em 1 de Maio de 1823, sendo promovido a alferes em 1 de Dezembro de 1824.

Na batalha de Sarandy o general Bento Manoel Ribeiro

retirava-se com a tropa, quando após uma porfiada resistencia, sendo atacado a sós por um troço de inimigos estava a ponto de succumbir, Osorio accommette os attacantes com um tal denodo, que pondo-os em debandada salvou o seu general.

Recolhendo-se este ao acampamonto e referindo-se a seu salvador disse, que lhe queria deixar, quando morresse, a sua lança, porque só Osorio era della merecedor.

Promovido a tenente por decreto de 12 de Outubro de 1827, commandava um destacamento de 200 a 300 homens nas fronteiras do Uruguay, porém indignado do traiçoeiro proceder dos Orientaes, que assassinavão e roubavão sem piedade os pacificos criadores brasileiros, cahiolhes um dia em cima e deu-lhes o merecido castigo; acto este que lhe custou uma severa punição do governo imperial que o deixou sem promoção por esapço de onze annos!

Tanto póde a maldita politica !

Em 20 de Agosto de 1838 foi afinal promovido a capitão, a major a 27 de Maio de 1842, e a tenente-coronel a 23 de Junho de 1844.

Rebentando a guerra contra o Rio da Prata em 1852, cobriu-se de gloria nas batalhas de Meuron e de Monte-Caseros, onde praticou actos de grande valor, pelo que foi promovido a coronel por decreto de 3 de Março do mesmo anno.

A' frente de um corpo por elle organisado de mil lanceiros arvorou a pavilhão brasileiro em Monte Caseros com

tal galhardia e denodo que encheu de assombro as tropas alliadas.

Em 2 de Dezembro de 1856 foi promovido a brigadeiro, e a tenente-general em 1 de Junho de 1867, sendo anterior e posteriormente condecorado com as grã-cruses do Cruzeiro e Christo, commendador de S. Bento de Aviz e Rosa, com a medalha da 1ª Divisão de Monte-Caseros, de Paysandú, de Merito e de Bravura, e com os titulos de barão visconde e marquez do Herval, sendo este ultimo titulo concedido por decreto de 29 de Dezembro de 1869.

No posto de brigadeiro foi que elle encetou a serie mais brilhante dos seus esplendidos triumphos, que são tantos quantos os combates em que elle tem tomado parte.

A' frente de doze camaradas foi elle o primeiro que de lança em punho pisou o sólo paraguayo, em um logar que lhe era totalmente desconhecido, e onde lhe sahiu ao encontro o exercito inimigo, a que elle e os seus ousados companheiros fizerão frente, até que o exercito brasileiro effectuou a passagem do Passo da Patria, que tanto se temia!

« Contemplai esses doze companheiros que o seguem, escreveu um dos mais talentosos brasileiros nos seus *Apontamentos biographicos*; vêde-os unicos resistindo ao impeto de um exercito, até que os seus entrem no territorio, e dizei se tudo isto não recorda as lendas da idade media, se não temos um Alvaro Gonsalves, e se não são esses os dose de Inglaterra! »

Algum tempo depois deste heroico feito, por desgostos que não me cumpre esmerilhar, deixou Osorio o acampamento e recolheu-se ao lar domestico; mas o amor da patria mais ainda que a ambição de gloria, não permittiu que a resolução tomada em um momento de justa ira, persistisse por muito tempo; cedo o legendario heróe envergou de novo a farda, travou da lança e partiu a animar com sua presença seus patricios que sob o seu commando, de bravos tomão proporções de feras.

Narrar os feitos que desde então praticou nos successivos combates em que tomou parte, fôra escrever a historia inteira da guerra do Paraguay, para o que não só me falta espaço e tempo, como até as precisas habilitações para fazer um trabalho condigno de tão porfiada luta e de tão esforçado heróe.

O caminho trilhado pelo general Osorio nas terras paraguayas é uma estrada juncada de trophéos de victoria e palmas de triumpho.

A sua boa estrella o guiou incólume por entre mil perigos atè que uma bala fatidica o feriu gravemente a 11 de Dezembro de 1868, pelo que foi obrigado a retirar-se da campanha, porém mal se achou melhor voltou de novo ao Paraguay, onde se lhe aggravárão os seus incommodos provenientes do ferimento, e recolhendo-se á terra natal encontrou o lar vazio do amor da esposa.

Ahi foi tratar dos seus soffrimentos o Sr. Dr. Pertence, um dos mais habeis medicos brasileiros, por pedido especial

de Sua Magestade o Senhor D. Pedro II, que por essa forma deu a mais evidente demonstração do apreço, em que tem a vida daquelle seu subdito.

Livre de perigo, hoje, que a guerra do Paraguay foi felizmente terminada com a morte do tenaz dictador Solano Lopes, bem pode o velho Cabo de Guerra descançar de tantas e tão penosas fadigas, que quasi sem interrupção, supportou por mais de cinco annos, com uma perseverança e bravura, dignas de inveja.

VII

A 26 de Julho de 1869, depois de me ter despedido dos numerosos cavalheiros com quem entretive relações de amisade, na cidade de Pelotas, e separando-me de meu bom irmão, e de sua amavel esposa e filhos, partí para a cidade do Rio Grande, a examinal-a minuciosamente conforme a descripção que della passo a fazer.

A cidade do Rio Grande, situada a 31°, 2' e 5" de latitude sul 8°, 58' e 49" de longitude do meridiano do observatorio do Rio de Janeiro. e que dista 56 leguas da cidade de Porto-Alegre, está situada em terreno baixo e arenoso da peninsula que fica entre a enseada das Mangueiras, e a extremidade meridional da lagôa dos Patos ; seu porto, e o canal por onde nelle se entra, forão cavados por uma companhia em 1833.

A difficuldade de subir pela lagôa dos Patos até Porto-Alegre, e o pouco fundo do canal de S. Gonçalo que não permitte por elle a navegação de navios de grande calado

para Pelotas, são as principaes causas que concorrem para que o Rio Grande seja a cidade mais importante da provincia.

Foi José da Silva Paes, quem em 1737 lançou os primeiros fundamentos della, não no logar em que está actualmente, mas um tanto chegada á beira mar, onde levantou algumas fortificações, a cuja sombra se estabelecerão alguns colonos, que levantaram uma capella dedicada a Santa Anna.

Gomes Freire de Andrade, governador do Rio de Janeiro e S. Paulo, foi quem transferio a nascente povoação para o logar em que se acha hoje a cidade, traçando conforme a ordem régia que solicitára e que lhe foi outorgada em 17 de Julho de 1745, o plano de uma villa sob a protecção de S. Pedro, para cujo culto levantou uma capella, fazendo tambem construir uma casa para a camara e uma cadeia.

A omissão de certas formalidades e a occupação do Rio Grande pelos hespanhóes em 1763, derão causas para que fosse despojada do titulo de villa que só veio a recuperar em 1812, recebendo um juiz de fóra em 1816.

Por carta de lei provincial de 27 de Junho de 1835 foi afinal elevada á cathegoria de cidade.

O Rio Grande é cabeça da comarca do mesmo nome; reputa-se a população da cidade em quatorze mil almas, e da comarca inteira em cincoenta e quatro mil.

O Rio Grande divide-se em cidade velha e nova, aquella que me parece ficar comprehendida entre as ruas de Uru-

guayana e Bella Vista é toda de ruas estreitas e tortuosas, e esta pelo contrario tem ruas largas e bem alinhadas.

Na cidade velha ha mais abundancia de sobrados do que na nova, mas em ambas as partes ha bonitos predios particulares, tendo quasi todos uns mirantes ou miranetes, d'onde os seus proprietarios descortinão a barra, para ver quando della se aproxima algum navio.

Supponho que em toda a cidade haverá, quando muito, umas vinte e oito ruas e sete praças, na sua maior parte por calçar e mal attestadas, de fórma que ás menores chuvas ficão todas intransitaveis, porque mesmo as calçadas achão-se em pessimo estado.

A agua de que se faz uso em geral é tirada de profundos poços, que como bem se imagina tem um gosto insuportavel.

Da ilha dos Marinheiros, que dista da cidade uma legua, vem porém uma excellente agua que andão a vender em pipas pelas ruas, á semelhança do Rio de Janeiro; é desta que bebem os que estão no caso de a comprar.

Os edificios mais notaveis que vi, são :

A nova casa da Misericordia, que virá a ser o maior predio da cidade quando estiver concluido, o que parece não será tão cedo, pois que uma vez visitei esse edificio e apenas lá encontrei tres carpinteiros a trabalhar.

O gosto architetonico da construcção é igual ao da Misericordia da côrte, salvo as proporções, que são comparativamente muito menores que as desta.

O lance principal está todo coberto e em grande parte assoalhado, faltão unicamente as portas, e o reboque interior das paredes, para a sua conclusão.

A capella, que está neste mesmo estado, promette vir a ser bem bonita.

No centro da fachada principal levanta-se um largo zimborio, que apezar de um tanto acachapado dá ao edificio um aspecto imponente e magestoso.

Do cimo desse zimborio goza-se a vista de um panorama deslumbrante, e quando lá subi, demorei-me uma hora a contemplar o oceano, a barra, a ilha dos Marinheiros, villa de S. José do Norte, Trincheiras, cemiterios e os extensos e desertos areiaes, que se estendem a perder de vista!

Emquanto se não concluir este edificio, a Misericordia funcciona perfeitamente em sua antiga morada, que tem capacidade para receber quatrocentos doentes; é pena que a meza da administração, abraçando tão irreflectidamente a idéa aliás louvavel de construir uma nova casa, quando para tanto não havia capitaes, não empregasse mais acertadamente o dinheiro dispendido na obra, que tão vagarosamente se vai concluindo, na reforma da casa velha que ainda poderia prestar bons serviços por muitos annos.

O hospital da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo não é máo, mas o da Beneficencia Portugueza é melhor, ainda que por emquanto não possa competir com o de Pelotas; mas logo que fação as obras que projectão e que começárão a fazer pelos fundos deixará aquelle a perder de vista.

A boa ordem, caridade e limpeza reina tanto no do Carmo como no da Beneficencia.

O Asylo das Orphãs desvalidas é um predio de bem mesquinhas proporções e de feio aspecto, mas em compensação as engeitadas da fortuna ali encontrão caritativo agazalho e cuidadosa educação.

Alem da Igreja Matriz que é de bom aspecto e de solida construcção, ha a Igreja de Nossa Senhora do Carmo, que é um pouco menor mas não menos bella; a Igreja de S. Francisco, a do Senhor do Bomfim e as Capellas da Santa Casa e da Beneficencia Portugueza, são simples, porem dignas de ver-se.

A casa da camara municipal, alfandega e as praças do commercio e mercado, não são edificios admiraveis pela belleza de construcção, mas notaveis pelo aceio e boa ordem; de nm lado do mercado existem diversos bancos de pedra, onde se expõe e vende o peixe; todos estes edificios estão na praça de D. Pedro II, que é o *boulevard* da cidade, toda arborisada e cercada de bancos, onde nas noites calmosas a população vai gosar da viração fresca que ali sopra por entre a folhagem dos arvoredos.

O theatro Sete de Setembro, unico que ali ha, é um dos melhores edificios do Rio Grande; a fachada principal que está situada na rua do Principe é simples mas airosa, á direita e á esqnerda do vestibulo ha duas salas, em uma dellas está um botequim bem provido, e na outra um bilhar; por cima destes estobelecimentos achão-se collacados dous

terraços onde os frequentadores nas noites calmosas de espectaculo vão gosar da brisa refrigerante.

O salão dos espectadores é vasto, os bancos são forrados de palhinha e muito commodos; nas tres ordens de camarotes correm elegantes grades de ferro pintadas de branco e ouro; o palco é espaçoso e a pintura interna e externa está bem conservada; a illuminação, porém, da sala dos espectadores é feita por um enorme lustre que dá muita luz, mas abafa e acanha o salão.

O fundo do theatro dá para um largo e sua perspectiva é muito mais imponente e bella do que seu frontespicio.

Alem do theatro, os divertimentos consistem no Club, e nos bailes mensaes que dá a Imperial Sociedade Instrucção e Recreio; do club nada posso dizer porque não o frequentei, quanto á sociedade Instrucção e Recreio na qual assisti a uma de suas partidas, graças ao amavel convite do meu amigo o Sr. J. A. A. Marques, cumpre-me dizer que é uma instituição que honra os Rio-Grandenses.

A Sociedade não se limita só a devirtir mas a instruir, segundo me parece: tem aulas de francez, inglez, e não sei se de musica, desenho e canto.

O salão em que dão os bailes está bem decorado e é muito espaçoso; possue tambem esta sociedade, uma boa bibliotheca com obras na sua maior parte instructivas.

Os frequentadores desta distincta Associação são cavalheiros amabilissimos e senhoras espirituosas e muito trataveis.

A casa da cadeia que está um pouco retirada da cidade é um edificio asseiado e espaçoso. E' pena que esteja rodeado de tão insalubres pantanos, cujas exhalações hão de ser bem pouco saudaveis aos miseros presos, que felizmente são sempre poucos, porque em geral os Rio Grandenses são de boa indole, laboriosos e honestos.

Junto ás trincheiras existe um quartel que está a cahir aos pedaços, sem despertar com isso a attenção dos poderes competentes, e não tratão de restaural-o, quando aliás bem o merece, porque alem de ser um predio bem aproveitavel, é um estabelecimento de que não póde prescindir a cidade em qualquer circumstancia em que se ache.

As muralhas das trincheiras, que estão bem conservadas, são solidamente construidas: guarnecendo-as com boas peças e adestrados artilheiros, parece-me que se póde ali oppôr ao inimigo uma seria e porfiada resistencia; mas da maneira em que se achão estão nas condições da fortaleza de Gragoatá, cujo commandandante deixou de salvar á passagem do Imperador Pedro I, por vinte cinco motivos, dos quaes o primeiro era não ter polvora.

Um pouco adiante das trincheiras estão os cemiterios, catholico e protestante.

O primeiro é maior que o segundo, mas ambos estão muito asseiados e elegantemente cercados com grades e portões de ferro.

No cemiterio catholico há mausoléos de pedra marmore bem trabalhados, em algumas sepulturas vi os retratos dos

finados, tirados em lithographia, pintura e photographia, encaxilhados e envoltos com corôas de perpetuas, saudades e sempre-vivas; e como este costume fosse novo para mim achei nelle certa poesia, que me fez desejar vel-o adoptado em outros cemiterios.

Alem destes dous existe um pequeno de jazigos perpetuos, que está junto á Igreja do Bomfim e pertence a essa irmandade,

Quanto á imprensa diaria, creio que nenhuma cidade do Brazil é mais bem servida neste mister do que a do Rio Grande, senão pela qualidade, ao menos pela quantidade. Só folhas diarias ha cinco, das quaes a de maior circulação e de mais credito é o *Echo do Sul*, que tem por seu principal redactor e proprietario o Sr. Pedro Bernardino de Moura, distincto e intelligentissimo cavalheiro, que me prodigalisou muitas attenções e amabilidades; o *Diario do Rio-Grande*, *Opinião Publica* e o *Commercial* são tres folhas bem redigidas e menos mal aceitas; a quinta, que me dispenso de citar o nome, é um desses papeluchos que deshonra a imprensa e avilta a profissão das lettras.

Ha tambem alguns semanarios, dos quaes só me occorre o nome de um delles, a *Arcadia*, com boa collaboração mas pessima escolha de redacção.

A instrucção publica tem estabelecimentos dignos de attenção, e tive o prazer de notar que a sua frequencia é mais animada do que a de Pelotas, mas ainda assim não tanto quanto era para desejar.

A cidade do Rio-Grande é, como já dissemos, a mais commercial da provincia, tem casas de commercio importantissimas, não só nacionaes como estrangeiras; duas casas bancarias, quatro leiloeiros, uns dez hoteis, alguns estabelecimentos de bilhares, fabricas de ourivesaria, arreios, onde prima a elegancia e solidez, serralheiros e retratistas em grande quantidade.

Entre as suas diversas emprezas merecem especial menção as de navegação para diversos portos, a de reboques, a do fornecimento da agua da ilha dos Marinheiros e a das materias fecaes e aguas servidas.

Esta ultima iniciada pelo Sr. J. A. de Moura Soeiro presta um grande serviço á salubridade publica, pois que, antes da sua installação, os habitantes da cidade fazião os seus despejos nos quintaes e nas praças publicas.

A illuminação publica é feita com o mesmo *zelo* da de Pelotas.

VIII

Como durante a minha estada na cidade do Rio-Grande vizitei a villa de S. José do Norte, a ilha dos Marinheiros e o pharol, dou em seguida uma ligeira noticia desses tres lugares, conforme os vi e segundo as descripções historicas e topographicas que tenho á vista.

A villa de S. José do Norte que jaz entre o mar e a lagôa dos Patos, a duas leguas daquella cidade, em uma praia arenosa que fenece no canal denominado *Rio-Grande*, foi fundada em 1775 por alguns colonos portuguezes que ali assentarão vivenda, erguendo uma igreja a Nossa Senhora dos Navegantes, que foi erigida em Parochia no anno de 1820.

Por decreto de 3 de Outubro de 1828 creou-se uma aifandega nessa povoação, que subio á cathegoria de vila em 25 de Outubro de 1831, dando-se-lhe por districto, alem da sua propria parochia, a povoação de *Mostardas*, que desde 1775 havia sido erigida em parochia sob a invoca-

ção de S. Luiz, que ali tem um templo construido pelos seus primitivos fundadores.

Em 1840, por occasião da grande revolução rio-grandense, os rebeldes atacarão esta villa, mas forão vigorosamente repellidos pela pouca guarnição do lugar, auxiliada pela guarda nacional, e alguns soldados da marinha.

Nesse tempo ainda a villa gosava de certa importancia, porque ainda ali estava a alfandega e a melhor parte do commercio de grosso trato, e foi talvez essa a principal causa que incitou os rebeldes a accommette-la.

Os furiosos pampeiros, que se levantão frequentemente no Sul, arrojão para aquella villa uma quantidade tal de areia finissima, que chega a elevar o solo das ruas a ponto de impedir a abertura das portas.

A pezar porém desse inevitavel mal, a povoação progredia acceleradamente, até que o governo geral do Brazil tirou d'ali a alfandega para collocal-a no Rio-Grande conforme reclamavão não só os interesses do commercio como mesmo os do fisco.

Desde então a villa, perdendo toda a sua importancia, foi indo em tão rapida decadencia que hoje não passa de uma miseravel aldêa.

A villa de S. José do Norte é logar pouco aprazivel, mas tem excellente agua, e me parece não ser insalubre.

As suas tres ou quatro ruas de regular largura estão hoje quasi obstruidas pelas areias atiradas pelos pampeiros, que o abandono da villa tem feito desprezar; as casas na maior

parte deshabiatadas cahem aos pedaços; o cemiterio está em completo matagal, e apenas se conserva em bom estado o templo de Nossa Senhora dos Navegantes, que é muito mais bello e magestoso que a Matriz do Rio Grande.

A ilha dos Marinheiros que está collocada na extremidade meridional da Lagôa dos Patos, e que terá, quando muito, tres legoas de circumferencia, é para os ricos habitantes do Rio-Grande o mesmo que o arrebalde de Botafogo para os abastados da côrte.

O uberrimo solo da ilha está todo coberto de chacaras onde se cultivão as mais bellas e raras flores, os fructos mais saborosos da Europa, as mais viçosas hortaliças e extensissimos parreiraes que dão uvas excellentes; a agua que ali ha em abundancia rivalisa com a da Carioca.

Os capitalistas da praça do Rio Grande ali tem suas comfortaveis vivendas onde passão o verão, época em que a ilha regorgita de vizitantes, uns que ali são proprietarios e outros que vão vizitar estes para gosarem dos bons ares por preço muito mais commodo.

O Pharol da barra, que é uma obra monumental, é assente em um areal extremamente baixo, a torre toda de ferro levanta-se de uma base de alvenaria ou tijollo a uma altura prodigiosa, onde gira á noite a providencial lanterna tão preciosa para os navegantes.

Pouco distante d'elle está uma atalaia, tambem de grande altura, donde se descobrem os navios que vem em demanda da perigosa barra do Rio Grande.

Em torno do Pharol e da atalaia ha algumas pequenas casas onde morão os empregados e praticos do serviço da barra.

Um fio telegraphico põe esse logar em communicação directa com a praça do Rio Grande, que por igual meio se corresponde com a de Pelotas, e é bem provavel que cedo se venha tambem a communicar com a de Porto Alegre, que já se corresponde com a de Santa Catharina, donde já recebeu o Rio de Janeiro as ultimas noticias da guerra do Paraguay.

Bem quizera ainda visitar outras povoações e logares da Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, que é tão dilatada e uberrima, onde se goza um ar puro e benefico e um clima agradavel e sadio, que tem bôas aguas e frondosos bosques.

Os fructos europeos dão-se ali bem; o trigo, o linho, a cevada, o lupulo e a uva dão em grande abundancia; a banana e o café são ali cultivados como objectos de curiosidade; as madeiras de construcção são raras mas de bôa qualidade, seus productos mineralogicos, ouro, prata, ferro, bolo armenio, enxofre e carvão de pedra são em prodigiosa quantidade; tem tambem pedra calcarea e um barro finissimo para louça e porcellana.

Os seus naturaes são valentes, lhanos, francos e muito laboriosos.

A agricultura e o commercio são as principaes fontes de riqueza d'esta Provincia, assaz gloriosa por mais de um titulo.

Como a urgencia de certos negocios reclamava minha presença no Rio de Janeiro, forçoso me foi deixar aquelles sitios para voltar á capital do Imperio, onde resido ha mais de vinte annos.

Desejando me despedir de alguns dos meus mais intimos amigos do Rio Grande offereci-lhes uma cêa que elles aceitarão de bom grado, mais para me darem uma immerecida prova de amisade, do que para fazerem honra á parca refeição, que minhas poucas posses mal lhes podia proporcionar..

Na noite de 20 de Setembro os meus intimos em numero de dezeseis, em torno da modesta mesa em que lhes offerecia algumas iguarias, encherão-me de jubilo e ao mesmo tempo de tristeza, porque, se por um lado me alegrava de ver a franca cordialidade que ali reinava, por outro me intrestecia seriamente ao pensar que delles me ia separar quem sabe se para sempre.

Os brindes estrepitosos succedião aos discursos mais ou menos eloquentes que me arrancavão lagrimas de agradecimento.

Apezar de não me permittir a emoção dar livre expansão aos meus mais intimos sentimentos, poude comtudo levantar um brinde, que aqui memoro, como um protesto da minha gratidão aos Srs. Manoel Joaquim de Castro e Silva, Antonio Rafael dos Anjos, Commendador Ribas, seu filho e seu sobrinho, José Antonio Moreira Junior e Joaquim Antonio de Villas Bôas, todos residentes em Pelotas, onde me

prodigalisarão tantas e tão delicadas attenções; e aos Srs. José Antonio de Moura Soeiro, José Ferreira da Silva Motta, Marcellino Pinto de Andrade e Pedro Bernardino de Moura, que no Rio Grande não me forão menos sollicitos que aquelles.

Todos esses Senhores se achavão infelizmente ausentes, uns pela distancia e outros porque não quiz convidalos para tão mesquinha festa.

A natureza, como querendo partilhar da tristeza de que eu me ia possuindo á proporção que se ia approximando a hora da partida, desfechou uma horrivel tempestade em que o rebôar dos trovões dominava o sybilar agudo do vento impetuoso que açoutava a chuva, que cahia em cataratas sobre a cidade.

Este inesperado contratempo deu causa a que a ceia se prolongasse até o romper do dia, que pelo aspecto parecia não querer melhorar a borrasca da noite.

Ao amanhecer despedi-me dos meus amigos, e sahi com um dos convivas, que tambem partia para Santa Catharina; dirigimo-nos para bardo do vapor Santa Cruz, em companhia do nosso amigo J. M. Soares, que apezar do máo tempo quiz acompanhar-nos a bordo.

A copiosa chuva que cahia sem cessar afugentava do cáes as pessoas que ali ião despedir-se dos amigos que seguião no vapor, no tombadilho estavão apenas alguns marinheiros nas suas afanosas lides, eu e o meu companheiro, A. P. B. pois que a saudade que nos magoava o coração

fazia-nos supportar de bom grado a chuva para não afastar-nos, até onde pudessemos os olhos da terra hospitaleira que nos déra tão corinhoso agasalho.

Pelas oito horas da manhã vi ao longe um cavalleiro que a toda abrida se dirigia para o caes, a principio julguei que fosse algum passageiro retardado que assim conquistava o tempo perdido mas pouco tempo depois vi que estava em erro quando reconheci no apressado cavalleiro o meu amigo, J. A. Moura Soeiro, que vinha-me fazer as suas despedidas, visto que para não magoal-o não o tinha avisado da minha partida; como já tivessem retirado a prancha este bom amigo ficou de pé no caes a me dizer adeus por espaço de duas longas horas, até que o vapor levantando ancora seguio viagem.

Esta prova de tão extremecida amizade fez-me verter lagrimas sinceras de gratidão.

A's dez horas da manhã enfrontamos á barra, que não pudemos transpor porque o mar estava bravissimo. A' tarde acalmou um pouco, mas a baixa das aguas não permittio que o navio sahisse.

No dia seguinte continuamos na mesma pasmaceira, com que muito devia folgar o filhinho de um deputado para quem se mandou buscar leite em terra por um expresso!

Só no dia 23 foi que as aguas derão calado sufficiente para o vapor vencer o terrivel banco, que á entrada da barra se oppõe ao navegante.

Durante os dois dias em que estivemos á mêrce dos caprichos do mar, entretive-me a conversar com o meu com-

panheiro de viagem A. P. B. que é um rapaz amavel, mas de um scepticismo que repugna ás almas bem formadas

Para elle não ha virtude, a mulher é uma fonte de prazeres em que podemos saciar a sede sem que por isso lhe devamos o minimo affecto.

A innocencia da donzella e a castidade da casada são cousas que elle desconhece, a honestidade feminina é uma conveniencia social, e a virtude nas mulheres, segundo as suas pessimas doutrinas, não está nellas mas na timidez dos homens que as cercão!

Que bom marido para a filha do velho piloto, cuja historia narrei no cap. IV.

Custa a crêr que em tão florescente idade, como a em que elle está, possa haver um coração tão arido e uma alma tão corrompida!

No segundo dia de minha estada a bordo foi que reparei em uma orchestra volante, composta de um velho careca tocador de rabecão. um rapaz tangedor de rabeca, e uma esganiçada rapariga que garganteava horrivelmente ao som de um pandeiro que ajudava soffrivelmente a insupportavel desafinação.

Em pága do atordoamento em que me puzerão os ouvidos dei-lhes mil réis, do que logo mé arrependi, pois para me agradecerem zunzirão-me com mais impiedade.

IX

A's nove horas e dez minutos da manhã do dia 23 de Setembro de 1869 transpuzemos emfim a barra do Rio Grande do Sul.

O coração cerrou-se-me triste e lagrimas do mais sincero pezar rolarão-me pelas faces, tanta era a magôa de que me achava possuido por afastar-me d'aquelle povo tão digno de admiração pelos seus heroicos feitos, como de consideração pelo seu caracter cavalheiresco.

Das poucas provincias qne tenho visitado no Brasil, esta foi a que mais me agradou; e se eu fôsse obrigado a deixar o Rio de Janeiro seria para ella que eu transportaria meus penates, e estou certo que lá passaria o resto da minha existencia sem morrer de nostalgia pela terra natal, que, apezar da grande distancia que ha longos annos della me separei, ainda a amo estremecidamente.

A provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul está des-

tinada a um futuro brilhante e invejavel, com o correr dos tempos virá ella a ser não só o celeiro do Brasil, como já o foi em melhores tempos, como do resto da America, e quem sabe se até mesmo da Europa.

A fama dos avultados lucros que dá o commercio do Rio de Janeiro, é a unica causa de ver-se para esta cidade affluir a maior corrente da imigração portugueza, no entanto que aquella provincia é a que dá a esses imigrantes as mais seguras garantias para a vida e fortuna, porque o seu clima e a sua lavoura são as que no Brasil mais se aproximão de Portugal,

Alongando a vista empanada de lagrimas para a terra de que me separava. talvez para sempre, levantei uma prece a Deos para que cobrisse de bençãos aquelle povo tão generoso e solo tão fecundo.

Que o facho da discordia não torne a ateiar entre os Rio-Grandenses o fogo das lutas civis, e nem o inimigo possa jámais invadir o seu territorio, para que a provincia attinja em breve o gráo da importancia que de todo o coração lhe desejo.

Afastando-me do Rio Grande senti não ser um Mendes Leal ou um Porto Alegre para enviar os meus adeuses aquella provincia em uma dessas odes que qualquer d'aquelles dois grandes poetas sabem vasar nos moldes das mais bellas e arrojadas fórmas; mas assim mesmo obscuro como sou, seja-me permittido dar aqui estas singelas strophes que então escrevi bem repassado de magôas.

Terra de bravos, solo abençoado
que em uberrimas campinas se dilata
por immensa planura,
onde o moreno guasca corre ousado
em fogoso corsel, que a fina prata
seus arreios moldura.

Povo leal que tão heroicos feitos
tens escripto nas paginas da historia
do presente e passado;
que extranhas penas já renderão preitos
a teu valor immenso, a tua gloria,
que o mundo tem pasmado.

Como o ousado condor rompendo os ares
paira um momento n' amplidão do espaço
a terra contemplando;
assim á beira de teus verdes mares
inclina a altiva fronte no regaço
meus versos escutando.

E' rude a minha voz, é fraca a lyra;
nada podem valer a teus olhares
os tristes versos meus,
mas recebe-os que a gratidão inspira
ao pobre vate que a teus meigos lares,
chorando diz—Adeus!

O vapor Santa Cruz que é de excellente marcha, afastou-se rapidamente da terra que me proporcionou os melhores cinco mezes que no Brasil tenho passado.

A noite desse dia, para mim de tão penosas recordações, estava explendida, o céo sereno, o mar tranquillo e a briza tepida e fagueira.

Alquebrado pelas dores da saudade adormeci no tombadilho embalado pelo canto de um marinheiro que cadenciava suas magoas ao rinzar dos traquetes, como um poeta casa suas sentidas queixas ao som de uma harpa eolia.

No dia seguinte levantando-me cedo fui, conforme o meu costume quando embarco a primeira vez em um navio, vêr as accomodações de bordo que são um pouco melhores que as do *Gerente*, pois tem alguns camarotes á prôa ainda que um tanto sujos.

Depois do almoço muito me diverti com um escandaloso namoro de um passageiro com uma hespanhola que vinha ao Rio de Janeiro, segundo me disserão, vêr um dos tres amantes que possue em perfeita harmonia, porque um não sabe da existencia do outro, vivendo todos a grandes distancias entre si.

Contarão-me que esta mulher divide o anno em quatro partes, a primeira passando em Montevidéo com um amante, a segunda em Pelotas com outro. a terceira no Rio de Janeiro, e a quarta, talvez a mais apreciada, de uma cidade para a outra aproveitando o tempo em variar de paladar.

E o mais interessante é que ella tem a habilidade de obri-

gar o primeiro amante a pagar passagem para ir vêr o segundo, este fazer o mesmo para com o terceiro, que faz outro tanto em relação ao primeiro, sem que nenhum delles se recuse, porque estão todos persuadidos que pagão as despezas de uma longa viagem que tem por louvavel fim de uma visita filial a uma mãi, que é a parodia viva da divindade, que estando em toda a parte não está em parte alguma da terra.

No dia 25 ás sete horas da manhã desemharquei em Santa Catharina para visitar o meu amigo Xavier, o qual depois de me regalar com um excellente almoço levou-me á praia de Fóra onde apresentou-me a Mr. Gottier, Consul de Uruguay, para que este me mostrasse o seu jardim, cuja fama não só estende-se por toda a provincia de Santa Catharina e a do Rio Grande, como mesmo ás republicas Oriental e Argentina.

O digno amador de floricultura acolheu-me com toda a amabilidade, deslumbrando-me com a vista das mais bellas e raras flores, das mais delicadas parasytas, viçosos arbustos e plantas exoticas da mais difficil e cuidadosa cultura.

Muito sinto não ser entendido em botanica para dar mais miuda noticia deste thesouro das mais mimosas e preciosas joias de Flora.

Carregado de laranjas e algumas flôres formosissimas do jardim daquelle muito distincto cavalheiro, voltei ás duas horas para bordo do Santa Cruz, que cincoenta minutos de-

pois levantou ancora; mas quando ia a seguir viagem teve de parar para receber cinco homens, quatro mulheres e dezesete crianças de nação allemã, que, ao que parece, erão colonos que deixávão Santa Catharina para voltarem aos patrios lares, com grande augmento, senão de fortuna, ao menos de prole.

Quando o vapor ia continuar a marchar, depois de ter recebido este não pequeno contingente de passageiros, notou-se que havia a bordo um que não tinha pago passagem, o qual era o catraeiro da lancha que trouxera os colonos, que mettendo-se de palestra, não sei com quem, não ouvio o vapor dar o signal de partida, o que deu lugar a nova parada para fazel-o voltar na lancha.

Já no mar alto commetteu-se um boicidio, para alimentação dos passageiros, cousa que me entristeceu de alguma sorte, pois nunca pude ver matar um animal inerme e inoffensivo.

A' noute avistando-se ao longe um pharol de navio o commandante mandou acender uma tigellinha, e pela resposta que teve soube-se que era um vapor da mesma companhia que ia em direcção ao porto donde acabavamos de partir.

Durante o resto da viagem servio-me de passatempo a conversação de um passageiro portuguez hespanholado, que dizia ser negociante de grosso trato, contra o que contestavão os farrapos que vestia, do que elle se desculpava dizendo, que a pressa com que embarcára para chegar ao

Rio de Janeiro ao tempo do vencimento de uma letra, não lhe deu lugar para mudar de roupa; ora a julgar pelo asseio em que estava o homem era sem duvida banqueiro da praça do..... mercado.

Por mares serenos e brandos navegamos com vento fresco até o dia 28 em que pelas quatro horas da madrugada passamos pela ilha Rasa com um luar magnifico, e ás seis fundeámos na formosa bahia de Nictherohy.

Vendo-me em face da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, como por encanto dissiparão-se-me os pezares, desapparecerão as saudades do Rio-Grande do Sul e minha alma expandio-se alegre como se chegasse ao lar do seu nascimento.

Cheio de jubilo saltei em um dos muitos botes que cercavão o vapor, com grande alarido dos seus remadores, e ás sete e meia horas desembarquei na velha e carunchosa ponte do largo do Paço, hoje praça de D. Pedro II, tendo o cuidado de pôr primeiro o pé direito em terra para não me affastar dos preceitos de meus antigos avós.

Alguns momentos depois tive a ineffavel ventura de abraçar os bons e numerosos amigos, que tanto me honrão com tantas e tão immerecidas provas de amizade e distincção.

Acabo de lêr este livro depois de impresso, e tantos descuidos typographicos lhe áchei que não me sinto disposto a repa-ral-os.

Façam-o o leitor benevolo e a amavel leitora a quem não quero roubar o prazer de os descortinar.

Uma viagem ao sul do Brazil.
Widener Library 006322103
3 2044 080 494 701